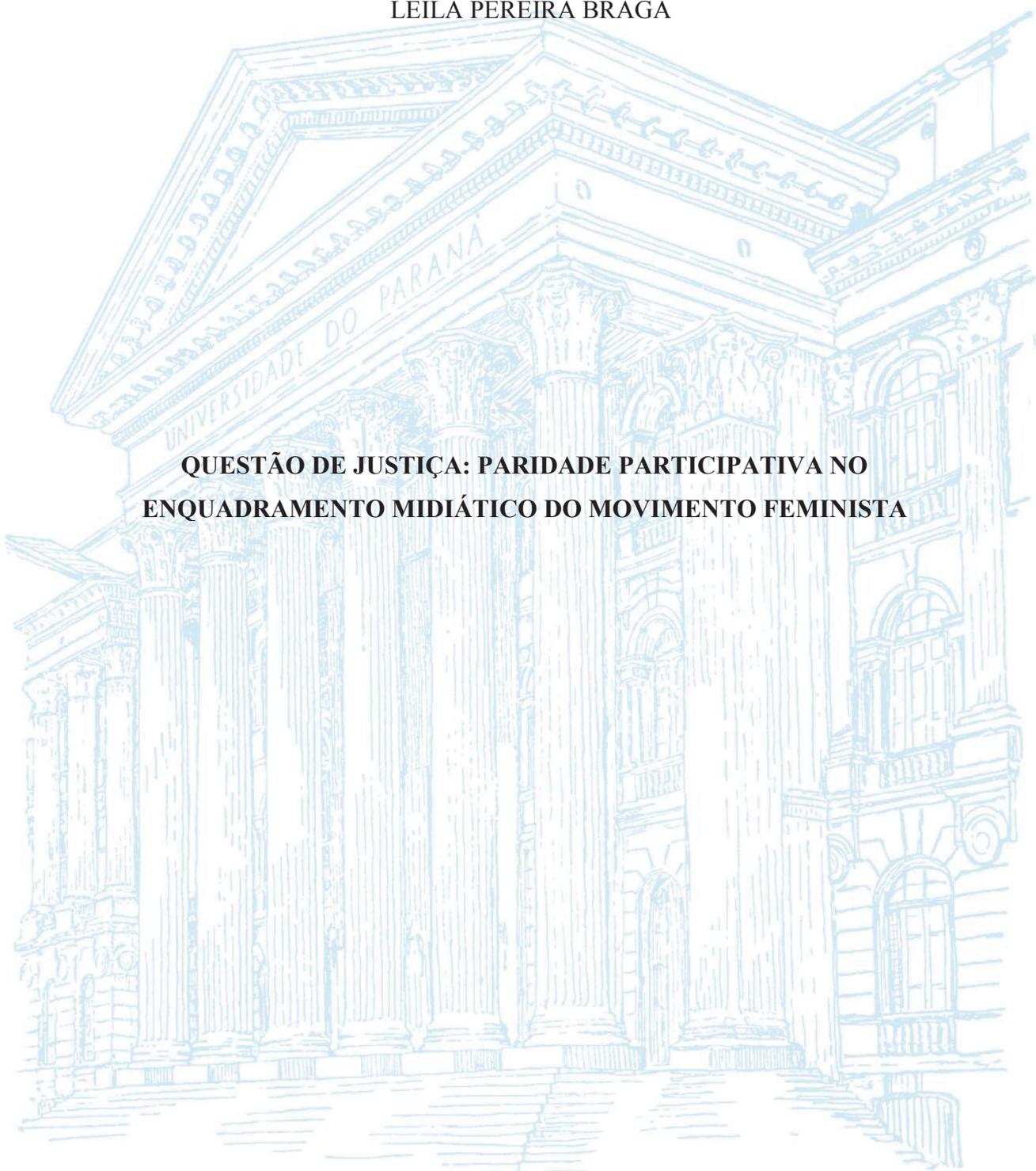


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LEILA PEREIRA BRAGA



**QUESTÃO DE JUSTIÇA: PARIDADE PARTICIPATIVA NO
ENQUADRAMENTO MIDIÁTICO DO MOVIMENTO FEMINISTA**

CURITIBA

2018

LEILA PEREIRA BRAGA

**QUESTÃO DE JUSTIÇA: PARIDADE PARTICIPATIVA NO
ENQUADRAMENTO MIDIÁTICO DO MOVIMENTO FEMINISTA**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de mestre no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná, setor de Artes, Comunicação e Design.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Candida Rizzotto

CURITIBA

2018

Catálogo na publicação
Sistema de Bibliotecas UFPR
Biblioteca de Artes, Comunicação e Design/Cabral
(Elaborado por: Karolayne Costa Rodrigues de Lima CRB 9-1638)

Braga, Leila Pereira

Questão de justiça: paridade participativa no enquadramento midiático do movimento feminista / Leila Pereira Braga. – Curitiba, 2018.
80 f. : il. color.

Orientadora: Prof. Dra. Carla Candida Rizzotto.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Setor de Artes, Comunicação e Design, Universidade Federal do Paraná.

1. Movimento feminista 2. Jornalismo - Enquadramento multimodal 3. Feminismo - Cobertura midiática- I.Título.

CDD 305.4



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em COMUNICAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **LEILA PEREIRA BRAGA** intitulada **QUESTÃO DE JUSTIÇA: PARIDADE PARTICIPATIVA NO ENQUADRAMENTO MIDIÁTICO DO MOVIMENTO FEMINISTA**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no ato de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 10 de Maio de 2018.

CARLA CANDIDA RIZZOTTO

Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

KARINA JANZ WOJTOWICZ

Avaliador Externo (UEPG)

KELLY CRISTINA DE SOUZA PRUDENCIO

Avaliador Interno (UFPR)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à Maria de Jesus, também conhecida como mainha. Aonde estiver, sei que agora pula de alegria e conta a todos que sua “menina mais nova” é mestra!

Ao meu pai, Edilson Braga, por me inspirar, me apoiar, por incentivar o hábito e, mais que isso, o amor pela leitura. Por ser, nas palavras de Gilberto Gil, *“Alguém com sua força / pra me proteger / alguém com seu carinho / pra me confortar / alguém com olhos / e coração bem abertos / pra me compreender”*.

Aos meus irmãos, Liliane, Rodrigo e Ricardo. Obrigada por estarem sempre ao meu lado, por se desdobrarem por mim, por todo amor e apoio, mesmo à distância.

Agradeço, especialmente, ao meu queridão, minha ami, minha query. Liliane, é certo que, sem você, não seria a mulher que sou hoje. Esse título é nosso!

Às minhas sobrinhas, minha maior saudade da terrinha. Beatriz e Bianca, saibam que a tia de vocês está longe em busca de alcançar sonhos grandes e, quem sabe um dia, dar muito orgulho e incentivá-las a fazer o mesmo. O mundo é de vocês. Nunca olhem para baixo.

À Carla Rizzotto, melhor orientadora que eu poderia desejar. Sua compreensão e paciência me trouxeram até aqui e você não faz ideia do tanto que fez por mim. Você me inspira!

Às profissionais competentes e mulheres maravilhosas que fizeram muitas contribuições valiosas ao meu trabalho, Kelly Prudencio e Karina Janz Woitowicz.

À minha cidade natal, Natal, e todos aqueles que por lá deixei. Saí do Nordeste, mas o trago com orgulho em meu peito e meu sotaque.

Aos meus amigos que me dão forças todos os dias para morar em Curitiba e ir em busca dos meus sonhos, que dividem os dias ruins comigo e compartilham das alegrias. Os amores de Natal: Alice, Clara, Marksuel, Carol e Marcella. Minhas meninas: Jéssica, Marcela, Carol B, Carol C, Ana Raissa e Laís. Catarina, minha irmã de alma, de fé, e quem, com muito amor, me ensina sobre sororidade e sobre o poder feminino.

Aos amores curitibanos: meu apoio diário, aquela que divide comigo as alegrias, os momentos tristes, a vida e o café, Cintia. Menina, obrigada por me acolher, por me entender e, principalmente, por crescer comigo. Luiz, essa baianidade me conquistou de

cara, me deu um lar. Aos parceiros Welliton, Larissa, Bruno, Helen, Claudia, Ester, Vinícius e Pedro.

À Kalenus, pelo incrível suporte e por me ajudar a encontrar o necessário em mim para concluir esse mestrado (e muito mais) sozinha.

Serei eternamente grata e dedico esta dissertação às mulheres incríveis que cruzaram o meu caminho e muito me ensinaram: Regina, Tetê, Marília, Cristiane, Fabiana, Pérola, Iara, Ivete, Hilda, Keli, Lirane, Chirlei, Angélica, Camila, Jousi, Bruna, Juliana, Andressa, Patrícia, Helene, Ana Luíza, Kelly, Karina, Nathalie, Mariana, Marina, Ádala, Natalya, Vauzélia, Jamila, e muitas outras mais com as quais tive a sorte de conviver.

Mas precisamos transformar a nossa dor em luta! Vamos em frente!

Marielle Franco
(1979 – 2018)

RESUMO

Nesta dissertação, foi realizada a análise de enquadramento multimodal do objeto de estudo da presente pesquisa: 48 notícias sobre o movimento feminista postadas nas páginas do Facebook dos jornais O Povo, do Ceará, Gazeta do Povo, do Paraná, e O Globo, de circulação nacional. O período no qual está inserido o corpus desta pesquisa inicia-se com a criação das páginas na rede social, em 2010, até 2017. Tomando como base a teoria bidimensional de justiça de Nancy Fraser, buscamos responder à questão que orienta a pesquisa: como o movimento feminista é enquadrado pelo jornalismo? A fim de encontrar a resposta para esse questionamento, realizamos a análise do enquadramento multimodal – que engloba a análise da imagem presente na matéria, da narrativa e do enquadramento noticioso –, que revelou, como principal resultado, que os jornais abordam majoritariamente a paridade participativa, isto é, apresentam as demandas distributivas e de reconhecimento. Embora esse dado revele uma cobertura positiva do movimento, ao observarmos elementos visuais e de narratividade, percebemos que ainda há parte da cobertura midiática que trata o feminismo com estranhamento e as feministas como uma categoria a parte do que é considerado ser mulher na sociedade.

Palavras-chave: Movimento feminista. Enquadramento multimodal. Teoria bidimensional de justiça. Comunicação Social.

ABSTRACT

In this dissertation, we did the multimodal framing analyses of 48 news stories posted on the Facebook page of three quality papers: O Povo, from Ceará, Gazeta do Povo, from Paraná, and O Globo, with national circulation. The period of our research began in 2010, when the three pages were created on the social media, until 2017. We used Nancy Fraser's bidimensional theory of justice as our base, in order to answer the question that guides this research: how does the media frames the feminist movement? In order to find this answer, we did the multimodal framing analyses – one that encompasses visual analyses, narrative and news framing analyses. This revealed that newspapers focus mostly on participatory parity, i. e., they show both redistributive demands as well as demands of recognition. Although this data reveals positive cover of the movement, when we observed visual and narrative elements, we concluded that there is still some of the media coverage that treats feminism with difference and feminists as a category separated from the concept of what it means to be a woman in society.

Keywords: Feminist movement. Multimodal framing. Bidimensional theory of justice.
Social Communication.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – DESENHO GAZETA DO POVO.....	43
GRÁFICO 1 – ATIVIDADE REALIZADA PELA PESSOA NA IMAGEM (V03)....	44
FIGURA 2 – PESSOA EM ESTADO PASSIVO.....	45
FIGURA 3 – PESSOAS EM PROTESTO.....	46
FIGURA 4 – SEGUNDO EXEMPLO DE PESSOAS EM PROTESTO.....	47
FIGURA 5 – TERCEIRO EXEMPLO DE IMAGEM DE PROTESTO.....	48
FIGURA 6 – ATO SIMBÓLICO.....	48
FIGURA 7 – PESSOA EM OUTRA ATIVIDADE.....	49
FIGURA 8 – CÂMERA ALTA.....	50
FIGURA 9 – IMAGEM EM PLANO ABERTO.....	51
FIGURA 10 – EXEMPLO DE PLANO MÉDIO.....	52
FIGURA 11 – PLANO FECHADO (CLOSE).....	53
FIGURA 12 – FOTO DE EDITORIAL.....	54
FIGURA 13 - OLHAR TRADICIONALISTA. O LADO DE QUEM SE DIZ INCOMODADA.....	55
GRÁFICO 2 – ANÁLISE DA NARRATIVA.....	56
GRÁFICO 3 – SUJEITOS DO FEMINISMO.....	59
GRÁFICO 4 – ILEGITIMIDADE.....	63
GRÁFICO 5 – TEORIA BIDIMENSIONAL DE JUSTIÇA.....	68
FIGURA 14 – EXEMPLO DE PERSONAGENS PRESENTES NAS FOTOGRAFIAS.....	70

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – CATEGORIZAÇÃO DA ANÁLISE DA IMAGEM.....	29
TABELA 2 – CATEGORIZAÇÃO DA ANÁLISE DA NARRATIVA.....	31
TABELA 3 – CATEGORIZAÇÃO DA ANÁLISE DE ENQUADRAMENTO NOTICIOSO.....	34
TABELA 4 – LISTAGEM DAS MATÉRIAS DO CORPUS DE PESQUISA.....	39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 REDISTRIBUIÇÃO OU RECONHECIMENTO: NOTAS SOBRE AS TEORIAS DE AXEL HONNETH E NANCY FRASER.....	12
1.1 TEORIA DO RECONHECIMENTO DE AXEL HONNETH	13
1.2 A TEORIA BIDIMENSIONAL DE NANCY FRASER	16
2 COMO ENTENDER O QUE A MÍDIA FALA.....	20
2.1 O CONCEITO DE ENQUADRAMENTO: DEFINIÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO	21
2.2 ENQUADRAMENTO MULTIMODAL	26
2.2.1 Análise da imagem	27
2.2.2 Análise da narrativa.....	29
2.2.3 Análise de enquadramento noticioso.....	33
2.3 CORPUS DE ANÁLISE	37
3 RESULTADOS.....	40
3.2 ANÁLISE DA IMAGEM.....	40
3.2 ANÁLISE DA NARRATIVA.....	53
3.3 ANÁLISE DE ENQUADRAMENTO NOTICIOSO	59
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	75

INTRODUÇÃO

Na história do Brasil, há diversas mulheres que participaram de revoluções e lutas por melhorias da sociedade, mas que não têm seus nomes em destaque tanto quanto os homens. Essa participação feminina tem início nas lutas abolicionistas, que contaram com integrantes como Nísia Floresta e as mulheres da Sociedade das Senhoras Libertadoras, como Maria Tomázia Figueira, no Ceará. No fim do século XIX, surgiram as lutas pelo direito ao voto, lutas essas que perderam força com a promulgação da Constituição de 1891, que desconsiderava totalmente os direitos das mulheres (BANDEIRA; MELLO, 2010). Só na primeira década do século XX é que as mulheres voltaram a se reunir para reivindicação de seu direito ao voto. O movimento feminista brasileiro está em sua terceira onda atualmente (SARMENTO, 2017).

Importante destacar que autoras como Gomes e Sorj (2014) criticam essa denominação das fases do feminismo como “ondas”. As autoras acreditam que, caracterizando dessa forma, o termo pode indicar que o movimento acaba e recomeça de uma forma totalmente nova e sem ligação com a onda anterior, sem usufruir dos ônus e bônus alcançados pelo feminismo que existia antes da nova onda começar. Assim, as autoras preferem utilizar o termo “gerações”, que, para elas, “possibilita considerar diferentes grupos de feministas ativos simultaneamente, mantendo relações de cooperação e disputa” (GOMES; SORJ, 2014, p. 436). Nesta pesquisa, utilizamos o termo “ondas” como uma “metáfora analítica que ajuda a entender as reivindicações e pautas mais comuns em um determinado momento histórico” (SARMENTO, 2017, p. 5).

A primeira onda do feminismo brasileiro apresentou três vertentes distintas. A luta por direito ao voto, encabeçada por Bertha Lutz, é considerada a primeira vertente dessa onda, “que teve como foco a luta das mulheres pelos direitos políticos, mediante a participação eleitoral, como candidatas e eleitoras” (PINTO, 2003, p. 15). A segunda vertente era composta por demandas diversas, e contava com manifestações na imprensa, em jornais feministas alternativos. Francisca Senhorinha Motta Diniz foi a primeira mulher a lançar um jornal voltado para divulgação das causas do movimento, em Minas Gerais, intitulado “O sexo feminino”. Nessa vertente, diferentemente da primeira, começa-se a questionar a dominação masculina e o interesse dos homens em deixar as mulheres de fora da vida pública. Com a participação de mulheres integrantes

das elites, cultas e profissionais atuantes, como professoras e jornalistas, as feministas defendem a educação da mulher e abordam temas como sexualidade e divórcio. A terceira vertente era composta por mulheres trabalhadoras e intelectuais, anarquistas e militantes de movimentos de esquerda e que desejavam a libertação da mulher do patriarcado de forma radical (PINTO, 2003, p. 15).

A segunda onda do feminismo tem início com o fim da Segunda Guerra Mundial e tem como importantes palavras de ordem “O privado é político” (PEDRO, 2005, p. 174). Pedro (2006, p. 250) explica que essa onda é considerada como o “ressurgimento” do movimento organizado no Brasil, quando a Organização das Nações Unidas (ONU) definiu 1975 como o Ano Internacional da Mulher. O movimento reivindicava o direito ao corpo e ao prazer e lutava contra o patriarcado. Neste período, “destacam-se os jornais *Brasil Mulher* (1975-1979), *Nós Mulheres* (1976-1978) e *Mulherio* (1981-1987), que tiveram uma inegável contribuição para o debate em torno dos direitos das mulheres” (WOITOWICZ; PEDRO, 2009, p. 46). A terceira onda tem início com a redemocratização do Brasil e abre-se para o feminismo interseccional, que busca atender às diferentes demandas das mulheres que pertencem a diferentes grupos dentro do movimento feminista. Os coletivos buscam que suas demandas sejam atendidas pelo governo, com reformas nas instituições públicas, como, por exemplo, a luta pela criação da Delegacia da Mulher; pedem a maior participação de mulheres na política; lutam pela reconfiguração do espaço público, com uma profissionalização do movimento e visibilidade para todos os grupos que compõem o movimento feminista, como os grupos de mulheres negras, mulheres lésbicas e mulheres indígenas etc. (PINTO, 2003).

Teles (1999, p. 12) descreve o movimento feminista como uma luta das mulheres para obter o protagonismo em sua própria história, livrando-se da subalternidade em relação aos homens. Em seu livro, a autora explica a dificuldade de se falar sobre a história feminina, pois “[o] material encontrado em arquivos, os documentos oficiais e outros enfatizam quase exclusivamente acontecimentos de interesse das elites, em que o homem branco é quem sobressai” (TELES, 1999, p. 12). Além disso, da falta de reconhecimento da história das mulheres, também há o problema da distribuição de recursos, que, ainda hoje, direciona os trabalhos produtivos para os homens, e os trabalhos reprodutivos para as mulheres. Fraser (2007, p. 232) entende que para abordar ambos os problemas simultaneamente, é preciso investir em uma definição de justiça que englobe tanto o reconhecimento quanto a redistribuição,

pois só assim “chegaremos a um quadro conceitual adequado às demandas da nossa era”.

Para entender a forma de se alcançar a justiça, é preciso primeiro entender as formas de injustiça distributivas e de reconhecimento. Na dimensão distributiva, as mulheres sofrem injustiças de má distribuição de cargos; pelo tipo de empregos que são ofertados às mulheres, em sua maioria aqueles trabalhos considerados “femininos”; e também pela diferença salarial entre homens e mulheres. Na dimensão do reconhecimento, as mulheres são representadas de formas estereotipadas pela mídia; são incluídas em uma cultura historicamente dominada por padrões eurocêntricos de beleza; e são desqualificadas rotineiramente por estarem fora de qualquer padrão do que é esperado pela sociedade heteronormativa na qual vivemos.

A partir dessas problematizações, foi definida a pergunta que orienta a pesquisa, que é a seguinte: tendo em vista o modelo bidimensional de justiça social de Nancy Fraser, que indica que, para se ter justiça social, é necessário haver tanto reconhecimento quanto redistribuição, como o movimento feminista é enquadrado pelo jornalismo? O objetivo geral da dissertação é verificar de que maneira a mídia enquadra o movimento feminista. Os objetivos específicos são: verificar se o movimento feminista foi enquadrado como um movimento que busca reconhecimento ou que busca redistribuição; e analisar a narrativa, o enquadramento noticioso e as imagens das notícias sobre feminismo postadas nas páginas dos jornais no Facebook.

O movimento feminista busca a igualdade de direitos entre todos os cidadãos, sejam homens ou mulheres, e a mídia tem o papel de divulgar acontecimentos e informar a sociedade. Diante disso, torna-se relevante estudar como a mídia tem apresentado as reivindicações do movimento.

Se utilizando das redes sociais digitais, o movimento feminista tem ganhado mais reconhecimento e mais divulgação, no entanto, a mídia tradicional ainda procura encaixar as mulheres e o movimento feminista em papéis pré-definidos e estereótipos de gênero. É preciso que sejam realizados mais estudos sobre esse tema para que, também na academia, ele seja discutido, pois sua relevância mostra-se a cada notícia encontrada sobre os resultados da cultura machista e patriarcal em que vivemos. A internet é um ambiente cujas características transformaram e reorganizaram as interações sociais. Esse ambiente é potencialmente propício para o debate público, por diversos motivos, como a não existência de filtros impeditivos da deliberação (estatais, por exemplo), a

possibilidade de se iniciar uma discussão de qualquer lugar, com pessoas diversas e a qualquer momento, entre outros. Além disso, o processo de produzir e distribuir conteúdo jornalístico teve uma reconfiguração com a internet (MARQUES; MAIA, 2010; BARROS; CARREIRO, 2016).

No Brasil, o Facebook é uma plataforma utilizada por 66 milhões de usuários e também é a rede social que apresenta a maior quantidade de tempo gasto em navegação (BARROS; CARREIRO, 2016). Os usuários se apropriam dessas plataformas e modificam seu propósito, utilizando-as para motivos diversos dos quais elas foram criadas. Em pesquisa realizada sobre os comentários de notícias publicadas nas páginas do Facebook de três jornais nacionais, a Folha de São Paulo, O Globo e Estadão, Barros e Carreiro (2016) perceberam que o Facebook é um ambiente aberto ao debate de temas que dizem respeito à política. Embora o compartilhamento de opiniões a partir de notícias seja algo que sempre aconteceu, as dimensões hoje são maiores pela propagação de conteúdo nas redes sociais.

Para alcançar os objetivos descritos, esta dissertação se divide em três capítulos: o primeiro versa sobre a teoria bidimensional de justiça de Nancy Fraser, bem como apresenta um histórico da formação da teoria, de Hegel a Axel Honneth. Axel Honneth e Nancy Fraser são filiados à Teoria Crítica e versam sobre a teoria do reconhecimento. Os dois autores apresentam diferenças de opinião sobre o que se faz necessário para que seja possível obter a justiça social, diferenças que são apresentadas e explicadas no capítulo para que seja possível entender a escolha pela teoria bidimensional de justiça de Nancy Fraser para a análise desenvolvida nesta pesquisa. Fraser conclui que essas injustiças contribuem para excluir diversos grupos sociais dos âmbitos políticos e públicos, como ocorre com as mulheres. Como filósofa feminista, a autora insiste na necessidade de uma concepção de justiça na qual todos os membros da sociedade estejam incluídos, o que “implica que qualquer teoria da justiça leve em conta o sistema sexo-gênero como eixo da estrutura social, uma vez que este sustenta desigualdades e hierarquias” (FRASER, N. et al., 1996)

O segundo capítulo explica a metodologia utilizada na pesquisa e ilustra detalhadamente o livro de códigos utilizado para realização da análise. Foram analisadas 48 notícias sobre o movimento feminista encontradas no período desde que as páginas dos jornais O Globo, nacional, Gazeta do Povo, do Paraná, e O Povo, do Ceará, foram criadas no Facebook, isto é, desde 2010, até 2017. O enquadramento é uma metodologia

amplamente utilizada na análise da mídia. Mendonça e Simões (2012) desenvolveram três diferentes operacionalizações do conceito de enquadramento, a saber: análise da situação interativa, composta pelos estudos que buscam entender como situações interacionais modificam as relações estabelecidas entre os participantes dessa interação; análise do conteúdo discursivo (na qual esta pesquisa está inserida), com estudos que empregam o conceito de enquadramento para analisar de que forma determinados discursos midiáticos “estabelecem molduras de sentido” (MENDONÇA; SIMÕES, 2012, p. 193); e, por fim, análise de efeito estratégico, na qual se encaixam as pesquisas que se apropriam do conceito de enquadramento “como um ângulo discursivo estrategicamente mobilizado por determinado ator social para produzir certos efeitos” (MENDONÇA; SIMÕES, p. 194).

O enquadramento foi inicialmente proposto no campo da Psicologia, por Gregory Bateson, para explicar como funcionam as interações entre os sujeitos, que são ancoradas em “quadros de sentido” que indicam a natureza da interação. A partir disso, vários autores apropriaram-se do conceito para entender, nas palavras de Goffman, “o que está acontecendo aqui?” (GOFFMAN, 1986). Goffman entende o enquadramento como “marcos interpretativos” que permitem às pessoas compreender a situação social na qual estão inseridos. Kahneman e Tversky (1984) utilizaram o conceito em suas pesquisas e perceberam que o enquadramento pode alterar o processo de formação de preferências, estabelecendo os enquadramentos como importantes instrumentos de poder. Já Gitlin (1980, p. 7) define os enquadramentos da mídia como “padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, através dos quais os manipuladores de símbolos organizam o discurso, seja verbal ou visual, de forma rotineira”.

Nesta dissertação, foi escolhida a análise de enquadramento multimodal, que analisa todos os aspectos de uma notícia, o que engloba os modos comunicativos – enquadramento e narratividade – e os modos representativos – texto escrito e representações visuais –, pois é apenas a partir da combinação de todos os elementos que formam uma notícia que é possível entender a imagem dos acontecimentos formada pela mídia (WOZNIAK et al, 2014).

O terceiro e último capítulo apresenta os resultados da análise, juntamente com uma discussão acerca dos achados de pesquisa. Também apresenta as considerações finais, com as limitações e possíveis continuidades desta pesquisa.

1 REDISTRIBUIÇÃO OU RECONHECIMENTO: NOTAS SOBRE AS TEORIAS DE AXEL HONNETH E NANCY FRASER

Há muito tempo publica-se na mídia que o movimento feminista acabou, de acordo com Gomes e Sorj (2014). Seja nos sites dos jornais ou em suas páginas no Facebook, o movimento feminista, desde os anos 2000, é considerado desnecessário, como algo que perdeu a razão de ser (GOMES; SORJ, 2014). Entretanto, uma das evidências que provam que o movimento continua agindo na sociedade, segundo as autoras, é a Marcha das Vadias, movimento organizado a partir da internet, o que possibilitou uma rápida troca de informações. “A rapidez com que a marcha se disseminou pelo país e mobilizou a juventude é indissociável das possibilidades que as novas tecnologias de comunicação oferecem ao ativismo político” (GOMES; SORJ, 2014, p. 437).

Em pesquisa realizada sobre a cobertura midiática da Marcha das Vadias, Rizzotto, Prudencio e Silva (2015) apontam que “a cobertura jornalística acaba por reduzir-se às informações básicas do acontecimento, com pouca discussão sobre a violência contra a mulher” (RIZZOTTO; PRUDENCIO; SILVA, 2015). Contrariando o propósito dos jornais feministas existentes desde a primeira onda do movimento, as autoras perceberam que a cobertura midiática do feminismo não impulsiona a discussão sobre as causas da marcha, por exemplo, bem como também deixa de explicar as demandas dos movimentos, apresentando um enquadramento noticioso “simplificado”, “focado na dualidade entre o certo e o errado”, isto é, se as mulheres estavam certas em realizar o protesto ou se a forma como elas se vestiam era a mais adequada para alcançar os objetivos do movimento (RIZZOTTO; PRUDENCIO; SILVA, 2015).

O movimento feminista luta para que as mulheres possam ter seus direitos garantidos na sociedade, com demandas voltadas para a melhor distribuição de recursos e de oportunidades, bem como para que as mulheres sejam vistas como iguais aos homens. A partir da representação das mulheres na mídia, que acontece ainda hoje de forma estereotipada, permeada de julgamentos sobre como as mulheres devem ou não se portar na sociedade, esta pesquisa colocou seu foco em analisar de que forma as demandas do movimento feminista são divulgadas. Tomando como base a teoria bidimensional de justiça de Nancy Fraser, temos a proposta de entender de que forma as

demandas redistributivas, de um lado, e as demandas por reconhecimento, de outro, são abordadas pelos veículos aqui estudados.

Fraser (2006) descreve que existe uma separação dessas demandas, como se elas não pudessem ser combinadas em apenas uma teoria da justiça social. Os próprios movimentos sociais apresentam vertentes que separam os dois tipos de reivindicações, e a autora (2006) cita como exemplo o movimento feminista, com tendências que veem que apenas a redistribuição será suficiente para remediar a dominação masculina e separam-se cada vez mais das vertentes que focam na discussão sobre as diferenças de gênero. No entanto, Fraser (2006) caracteriza esses grupos que sofrem ambas as injustiças como “coletividades bivalentes”, isto é, “tipos híbridos que combinam características da classe explorada com características da sexualidade desprezada” (FRASER, 2006, p. 233). A partir dessa definição da autora com relação à coletividade aqui estudada, utilizamos essa teoria para melhor compreender a exposição midiática do movimento feminista.

1.1 TEORIA DO RECONHECIMENTO DE AXEL HONNETH

Axel Honneth desenvolveu sua teoria do reconhecimento tomando como base a definição de Hegel em seus escritos de Jena, a partir dos quais situa a luta por reconhecimento como uma luta por amor, estima e justiça. A cada uma dessas esferas, corresponde também uma forma de desrespeito. Honneth recuperou o conceito de reconhecimento a partir da nova realidade social presente nos anos de 1990, com o multiculturalismo, a privatização de estatais e o sucateamento da educação, saúde e vários outros serviços públicos (SAFATLE, 2015). Além de Hegel, o autor também recorre à psicologia social de George Herbert Mead para tornar sua teoria mais material, afastando-a da metafísica de Hegel.

O autor percebe as lutas por redistribuição como pertencentes às lutas por reconhecimento, essas últimas sendo provocadas a partir do momento em que os sujeitos se veem como tendo sua identidade desrespeitada e afirma que “mesmo injustiças ligadas à distribuição devem ser entendidas como a expressão institucional de desrespeito social ou, melhor dizendo, de relações não justificadas de reconhecimento” (HONNETH, 2003, p. 123). Honneth acredita que lutas políticas, ainda que sejam

ligadas a distribuição de recursos, têm sua origem no desrespeito à identidade dos sujeitos.

Na teoria do reconhecimento de Hegel, as diferentes formas de convívio em sociedade devem ser uma “base natural da socialização humana” (HONNETH, 2003, p. 43), pois as pessoas em conjunto vêm antes dos indivíduos isoladamente, isto é, relações sociais são anteriores a indivíduos e a intersubjetividade é anterior a subjetividade. Para que esse convívio funcione, é preciso partir dos vínculos éticos. O autor afirma que o reconhecimento representa uma relação recíproca ideal entre os sujeitos, na qual cada um vê o outro como seu igual, bem como um sujeito separado dele mesmo.

(...) na medida em que se sabe reconhecido por um outro sujeito em algumas de suas capacidades e propriedades e nisso está reconciliado com ele, um sujeito sempre virá a conhecer, ao mesmo tempo, as partes de sua identidade inconfundível e, desse modo, também estará contraposto ao outro novamente como um particular (HONNETH, 2003, p. 47).

Hegel define a ordem ética da sociedade moderna como sendo composta de três complexos institucionais: família, sociedade civil e Estado e cada uma dessas esferas tem seus conflitos internos de reconhecimento. O autor descreve o processo de reconhecimento recíproco em duas etapas, sendo a primeira aquela mais íntima, familiar. O relacionamento entre pais e filhos é firmado no reconhecimento desses integrantes de uma família como “seres amantes” (HONNETH, 2003, p. 49) e que dependem um do outro para obter as necessidades de vida. A segunda etapa desse reconhecimento trata das “relações de troca entre proprietários reguladas por contrato” (idem, p. 49). Das condições particulares com que mantinham suas relações na primeira etapa, passa-se a uma relação formada por direitos e garantida por contratos.

Na psicologia social de Mead, há “a idéia de que os sujeitos humanos devem sua identidade a experiência de um reconhecimento intersubjetivo” (HONNETH, 2003, p. 125). Em sua teoria, Mead busca desenvolver teses a respeito da consciência humana. Para ele, a consciência da identidade individual é formada pela constituição de uma consciência que o sujeito tem de si mesmo, combinada com a consciência de significados. Uma vez que o sujeito reconhece os significados de seus atos para os outros, percebe-se como “um objeto social das ações de seu parceiro de interação” (idem, p. 130). Do fato de que um sujeito pode “estimular a si mesmo da mesma maneira que os outros e reagir aos seus estímulos da mesma maneira que aos estímulos

dos outros”, pode fazer surgir nele um “Me”. Mead desenvolve também o conceito de “Eu”, que forma com o “Me”, dentro do sujeito, uma relação como a de dois parceiros em um diálogo, sendo o “Eu” a consciência que o sujeito tem de si mesmo, porém como se visto pelo seu parceiro na interação. Explica Honneth:

O conceito de "Me", que Mead emprega aqui para caracterizar o resultado dessa autorrelação originária, deve tornar terminologicamente claro que o indivíduo só pode se conscientizar de si mesmo na posição do objeto; pois o *Self* que entra em seu campo de visão quando ele reage a si mesmo é sempre o parceiro da interação, percebido da perspectiva de seu defrontante, mas nunca o sujeito atualmente ativo das próprias manifestações práticas. Por isso, Mead distingue do "Me", que conserva minha atividade momentânea tão-somente como algo já passado, urna vez que ele representa a imagem que o outro tem de mim, o "Eu", que é a fonte não regulamentada de todas as minhas ações atuais. O conceito de "Eu" deve ser referido a instância na personalidade humana responsável pela resposta criativa aos problemas práticos, sem poder jamais entrar como tal, porém, no campo de visão; (...) (HONNETH, 2003, p. 130).

A partir dos conceitos de Hegel e de Mead, Axel Honneth desenvolveu a teoria do reconhecimento, trazendo para ela a noção de autorrealização do sujeito. Na autorrealização, o sujeito se convence de suas capacidades a partir do valor que elas apresentam no meio social. Com base nos autores revisitados, Honneth definiu as três esferas de reconhecimento recíprocos, citadas anteriormente: o amor, a estima e a justiça. O amor vai além de formas românticas de amor, envolve relações de amizade e entre pais e filhos. A esfera da estima engloba a estima social, o reconhecimento do sujeito por parte de seus pares. Por fim, a esfera da justiça compreende os direitos garantidos por lei e que apresentem efeitos concretos na vida dos sujeitos.

Para explicar a esfera de reconhecimento do amor, Honneth baseou-se em uma pesquisa do psicanalista Donald Winnicott sobre o relacionamento mãe-bebê. À medida em que o filho cresce e torna-se cada vez mais independente da mãe, e a mãe também vai se tornando independente do filho, a criança passa a construir a confiança em si mesma ao entender que a ausência da mãe não significa menos amor ou que ela está desamparada. Confiando no amor dado pela mãe, a criança desenvolve a “capacidade de estar só” (HONNETH, 2003, p. 174) e torna-se alguém autoconfiante e que pode participar de forma satisfatória da vida pública. A forma de desrespeito que impulsiona a luta por reconhecimento correspondente a essa esfera são os maus-tratos que ferem a autoconfiança criada pelo amor.

A segunda esfera determinada por Honneth é a da justiça. O autor propôs, a partir dos escritos de Hegel e Mead, que é somente quando reconhecemos a perspectiva do “outro generalizado” (HONNETH, 2003, p. 179), isto é, alguém portador de direitos aos quais devemos observar, que nós nos reconhecemos como alguém que também possui esses direitos. Quando um sujeito percebe que a ele não estão sendo garantidos os seus direitos, há o desrespeito causador da luta por reconhecimento. Na esfera da estima, o que impulsiona a luta dos sujeitos é quando há uma desconsideração de diferentes modos de vida, sejam eles individuais ou coletivos. Além da garantia dos direitos e da autoconfiança, é preciso que os sujeitos tenham também prestígio social, o que se refere ao “grau de reconhecimento social que o indivíduo merece para sua forma de auto-realização” (HONNETH, 2003, p. 206). Todos esses desrespeitos causam sentimentos negativos no sujeito, que irá, por sua vez, tomar ações para que sua condição de desrespeito seja modificada.

1.2 A TEORIA BIDIMENSIONAL DE NANCY FRASER

O modelo de justiça de Nancy Fraser¹ é formado por uma perspectiva bidimensional, que contempla tanto o reconhecimento quanto a redistribuição. Esse conceito de justiça deve ser amplo e abrangente, e parte de demandas surgidas a partir do processo de globalização, o que gerou “uma nova gramática de reivindicação política” (FRASER, 2002, p. 9). A transição da fase fordista do capitalismo para o pós-fordismo se caracteriza por uma mudança da sociedade industrial para a sociedade de conhecimento, e essa transição é um processo que faz parte da globalização. Há também uma mudança relativa à forma de se enxergar a cultura, que passa a ser considerada traço fundamental da globalização. Diversos aspectos podem comprovar a proeminência da cultura, como define Fraser (2002, p. 9): construção de identidades coletivas mais centradas na religião e na etnicidade em detrimento do trabalho; maior consciência de pluralismo cultural resultante do aumento da imigração; maior visibilidade de

¹ Fraser é formada em Filosofia pela City University, é professora de Ciência Política e Social da New School, também em Nova Iorque, e foca seus escritos na problemática da justiça em um mundo globalizado e “pós-socialista”. Vários de seus artigos e discursos foram traduzidos para o português e são discutidos na Comunicação, bem como em outras áreas do ensino que estudam a dinâmica da sociedade em que vivemos. A autora é militante ativa do movimento feminista e publicou mais de 6 livros, todos versando sobre justiça social. Um de seus livros foi publicado juntamente com Axel Honneth, e ambos discutem as diferenças e similaridades entre suas teorias.

“trabalhadores simbólicos”; “na proliferação e rápida difusão de imagens pelas indústrias globais da publicidade e do entretenimento de massas”, entre outros.

Fraser (2002, p. 10) entende que há riscos na atual trajetória da globalização e propõe neutralizações para cada um deles. O primeiro risco apontado é o da substituição das lutas por redistribuição pelas lutas por reconhecimento, quando as duas juntas deveriam complementar-se. A neutralização possível nesse caso é a proposição de uma justiça social ampla, abrangendo o leque de preocupações trazidas com a globalização. O segundo risco é o da centralidade da política cultural, que reifica identidades e fomenta um comunitarismo repressivo, sendo a neutralização indicada “uma concepção não-identitária do reconhecimento adequada à globalização, uma concepção que promova a interação entre as diferenças e que estabeleça sinergias com a redistribuição” (FRASER, 2002, p. 10). O terceiro risco é de a globalização subverter as capacidades do Estado de reparar os dois tipos de injustiça. Para neutralizar esse risco, a autora propõe uma concepção múltipla de soberania “que descentre o enquadramento nacional” (FRASER, 2002, p. 10).

A fim de sanar os problemas citados, a autora propõe que seja desenvolvida uma teoria de justiça que englobe os aspectos distributivo e de reconhecimento. Tomando como exemplo a questão de gênero, é possível traçar um quadro do que significa a justiça em cada dimensão proposta pela filósofa. Fraser (2007) situa as lutas de gênero como uma questão ampla dentro das lutas políticas em prol da justiça democrática. Para isso, a autora trabalha com um conceito de gênero bidimensional, conceito esse que coloca em foco diversos aspectos da subordinação feminina e abrange as lutas por reconhecimento e por redistribuição. Do lado da redistribuição, as lutas devem focar em acabar com a diferenciação de salários para homens e mulheres que ocupam o mesmo cargo; e cargos diferenciados, voltados apenas para mulheres, que, combinados, formam a injustiça distributiva. Da perspectiva do reconhecimento, na sociedade são incentivados e mais valorizados traços de personalidade masculinos; formas específicas de “subordinação de status”² (FRASER, 2007, p. 26), que inclui assédio sexual, violência sexual e doméstica, entre outras formas estruturais de falso reconhecimento de mulheres³. A luta por reconhecimento é necessária, pois um sistema que reproduz a lógica patriarcal acaba por oprimir as mulheres e aprisioná-las em um padrão

² Tradução nossa. No original: “status subordination”.

³ Posteriormente, a autora desenvolveu sua teoria para incluir a perspectiva da representação política, tornando-a tridimensional.

androcêntrico pré-estabelecido, que modifica e diminui a imagem que as mulheres têm de si mesmas.

Em sua tentativa de combinar as demandas distributivas e de reconhecimento em uma única teoria da justiça social, Fraser (2007) ressalta a distinção realizada na filosofia moral dessas demandas em “questões de justiça” e “questões de boa vida” (FRASER, 2007, p. 103), o que ocasiona em dividir as demandas entre “um problema do que é o ‘correto’” ou entre “um problema do que é o ‘bem’” (FRASER, 2007, p. 103). Relacionando a justiça redistributiva com a moral, isto é, referenciando-a com normas universalmente vinculatórias, e o reconhecimento com a ética, ou seja, vinculando-o aos valores, essas duas concepções tornam-se incompatíveis e não podem ser trabalhadas juntas. Fraser procura então desafiar essa presunção de incompatibilidade, argumentando que é possível integrar redistribuição e reconhecimento, ao propor uma visão de reconhecimento como uma questão de status social. “Dessa perspectiva – que eu chamarei de *modelo de status* – o que exige reconhecimento não é a identidade específica de um grupo, mas a condição dos membros do grupo como parceiros integrais na interação social” (FRASER, 2007, p. 107).

Unindo ambas as lutas que compõem o modelo de justiça e sem permitir que uma se sobreponha à outra, Nancy Fraser propõe um princípio que inclua as duas reivindicações – por redistribuição e por reconhecimento. Esse princípio é o da paridade de participação, para o qual a noção de justiça requer que todos os membros da sociedade possam interagir entre si como pares. Há duas condições necessárias para que o princípio da paridade seja possível. A primeira é a de que os recursos materiais sejam distribuídos de forma a garantir a “voz” e a independência dos participantes. A segunda condição “requer que os padrões institucionalizados de valor cultural expressem igual respeito por todos os participantes e garantam iguais oportunidades para alcançar a consideração social” (FRASER, 2007, p. 119). A definição a respeito de quais pessoas precisam de que tipo de reconhecimento dependerá de qual é a natureza dos obstáculos que elas encontram em relação à paridade participativa. É importante ressaltar que nem todas as pessoas precisam do mesmo tipo de reconhecimento.

Em alguns casos, elas podem necessitar de serem aliviadas da excessiva distinção atribuída ou construída. Em outros casos, elas podem necessitar de que suas particularidades, até agora não reconhecidas, sejam levadas em consideração. Ainda em outros casos, elas podem precisar mudar o foco para

os grupos dominantes ou em vantagem, ofuscando as suas particularidades que, falsamente, vêm sendo tratadas como universais. Alternativamente, elas podem necessitar de desconstruir os próprios termos em que as diferenças atribuídas são atualmente elaboradas (FRASER, 2007, p. 123).

Ao entender o reconhecimento como uma questão de status, e sem situá-lo no campo da ética, Fraser explica que, nesse caso, o não reconhecimento acontece quando as instituições estruturam as interações de maneira que a paridade participativa seja impedida aos sujeitos. Nessas situações, “a interação é regulada por um padrão institucionalizado de valoração cultural que constitui algumas categorias de atores sociais como normativos e outros como deficientes ou inferiores (...)” (FRASER, 2007, p. 108). Quando o reconhecimento acontece e os sujeitos são tratados como pares, Fraser afirma que há o reconhecimento recíproco e a igualdade de status.

Utilizando os conceitos dados por Nancy Fraser, partimos para a análise de enquadramento multimodal das notícias sobre o movimento feminista encontradas nas páginas do Facebook dos jornais O Povo, Gazeta do Povo e O Globo. A análise de enquadramento multimodal inclui análise da imagem, da narrativa e do enquadramento noticioso. Na análise do enquadramento noticioso, incluímos categorias referentes à teoria bidimensional de justiça para tentar entender qual a visão da mídia sobre o movimento feminista em relação às demandas do movimento, isto é, buscamos compreender se a mídia divulga o feminismo como um movimento que almeja o reconhecimento, a redistribuição ou a paridade participativa.

2 COMO ENTENDER O QUE A MÍDIA FALA

O movimento feminista busca a igualdade de direitos entre todos os cidadãos, sejam homens ou mulheres. A mídia tem o papel de divulgar acontecimentos e informar a sociedade. Diante disso, torna-se relevante estudar como a mídia tem representado as reivindicações do movimento e, além disso, entender como as pessoas têm percebido essa divulgação. A pergunta que orienta a pesquisa é a seguinte: tendo em vista o modelo bidimensional de justiça social de Nancy Fraser, como o movimento feminista é enquadrado pelo jornalismo?

A partir desse questionamento, aponta-se como objetivo geral verificar que tipo de cobertura é realizada pela mídia, por meio da análise de enquadramento multimodal. Os objetivos específicos são: verificar se o movimento feminista foi enquadrado como um movimento que busca reconhecimento ou que busca redistribuição; e analisar a narrativa, a notícia e as imagens dos posts sobre feminismo nas páginas dos jornais no Facebook.

Para atingir tais objetivos, propõe-se uma análise de enquadramento das notícias sobre o movimento feminista encontradas nas páginas do Facebook de três grandes *quality papers*: O Globo, nacional, a Gazeta do Povo, do Paraná, e O Povo, do Ceará desde 2010, ano em que os jornais criaram suas páginas na rede social supracitada, até 2017. Os jornais acima foram selecionados por tratarem-se de grandes jornais em média de circulação e por ser um deles nacional e os outros dois grandes jornais nos estados que representam, o que possibilitará entender se o enquadramento realizado por eles é diferente de estado para estado.

Neste capítulo serão apresentados os conceitos metodológicos utilizados nesta pesquisa. Também serão explicitadas algumas formas de utilização encontradas em outros artigos com as mesmas metodologias. Por fim, apresentamos o livro de códigos utilizado para realizar a análise de enquadramento. O livro de códigos é ferramenta auxiliar para análise de enquadramento. O livro contém as categorias desenvolvidas para analisar as notícias nas páginas do Facebook dos jornais aqui citados. Tal procedimento foi realizado no grupo de pesquisa Comunicação e Participação Política (COMPA) da Universidade Federal do Paraná, coordenado pela professora doutora Kelly Prudencio. O grupo possui experiência em codificação por já ter realizado a análise de enquadramento multimodal das notícias sobre o impeachment da presidente

Dilma Rousseff. O livro de códigos aqui descrito segue o modelo do livro de códigos desenvolvido pelo grupo de pesquisa, bem como os procedimentos de codificação das matérias.

2.1 O CONCEITO DE ENQUADRAMENTO: DEFINIÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO

As origens do enquadramento remontam a Gregory Bateson, que utilizava o conceito na Psicologia. Buscando entender o fenômeno da esquizofrenia e as relações existentes no processo psicoterápico, Bateson estudava como as interações ancoram-se em quadros de sentido que moldam as interpretações e ações dos atores envolvidos (MENDONÇA; SIMÕES, 2012). Bateson utilizava o conceito de “enquadre”, que oferecia instruções para entender quais mensagens estão incluídas ou excluídas em determinada situação e definiu que os quadros não são inventados, eles dependem da existência de sentidos partilhados entre aqueles que se comunicam (MENDONÇA; SIMÕES, 2012).

Mendonça e Simões (2012, p. 191) perceberam que muitas vezes o conceito é empregado em diferentes tipos de estudos sobre a mídia, por se tratar de uma metodologia muito ampla e que pode ser utilizada em problemas de pesquisa diversos. A partir dessa perspectiva, os autores realizaram uma categorização dos principais estudos “em três grandes modelos de apropriação do conceito”: análise da situação interativa, análise do conteúdo discursivo e análise de efeito estratégico. Os estudos de base Goffmaniana que focam na análise da situação interativa buscam entender os quadros de sentido que fazem com que uma situação seja compreensível para os indivíduos que participam dela. Em diferentes cenários, as pessoas se colocarão de diferentes formas e utilizarão conhecimentos adequados que possuem para interagir com outros participantes na mesma situação. Caso não possuam esse conhecimento necessário, não poderão participar de forma satisfatória. Os autores explicam que “o *enquadre* se aproxima da ideia de *contexto*, ainda que não sejam sinônimos” (MENDONÇA; SIMÕES, 2012, p. 193).

Em “Frame analysis: an essay on the organization of experience” (1986), Erving Goffman trouxe o conceito de enquadramento para a análise de fenômenos sociais, focando nas interações cotidianas, de forma a entender o que estava acontecendo

quando diferentes pessoas interagem e como a experiência dos sujeitos no mundo se organizava. A partir disso, Goffman estabeleceu que “frames” eram o conjunto de princípios de organização que governam os acontecimentos sociais e o envolvimento subjetivo das pessoas nesses acontecimentos (GOFFMAN, 1986). Quando um indivíduo se insere em uma situação, é preciso compreender qual é o quadro que a define e qual posicionamento o sujeito deve adotar em tal situação. Os quadros são construídos e modificados socialmente e contextualmente, sendo elementos centrais da existência intersubjetiva de uma coletividade. Historicamente, a primeira aplicação relevante do conceito de enquadramento no campo da comunicação foi a da socióloga Gaye Tuchman, com o livro “Making News” (1986), no qual a autora baseia-se no trabalho de Goffman para indicar que as notícias “impõem um enquadramento que define e constrói a realidade” (PORTO, 2004, p. 5).

A segunda categoria descrita por Mendonça e Simões (2012) engloba os estudos que realizam análise de conteúdo discursivo – como os estudos de Robert Entman e William Gamson. Tais estudos não focam no contexto ou na situação como um todo, como fazem os estudos da análise da situação interativa e, sim, no discurso midiático. A pesquisa realizada nesta dissertação faz parte desses estudos. Pesquisas como essas preocupam-se em entender qual a realidade existente nos enquadramentos propostos pela mídia. “Busca-se pensar a maneira como o próprio conteúdo discursivo cria um contexto de sentido, convocando os interlocutores a seguir certa trilha interpretativa” (MENDONÇA; SIMÕES, 2012, p. 193). Todd Gitlin (1980) apresentou a primeira definição mais clara de enquadramento ao analisar a cobertura realizada pela mídia do Students for a Democratic Society, movimento estudantil norte-americano, no ano de 1965. Gitlin (1980, p. 6) afirma que “quadros são princípios de seleção, ênfase e apresentação compostos de pequenas teorias tácitas sobre o que existe, o que acontece e o que importa”⁴. Tanto jornalistas quanto indivíduos realizam o enquadramento de maneira a organizar as informações recebidas diariamente, para uma melhor compreensão da realidade e para que seja possível tomar decisões e posicionamentos. Gamson e Modigliani (1987) afirmaram que o enquadramento está no centro de pacotes interpretativos, e que o enquadramento pode ser definido como “‘uma idéia central organizadora’ que atribui significados específicos aos eventos, tecendo uma conexão

⁴ Tradução nossa. No original: “frames are principles of selection, emphasis and presentation composed of little tacit theories about what exists, what happens and what matters”.

entre eles e definindo o caráter das controvérsias políticas” (GAMSON; MODIGLIANI, 1987 apud PORTO, 2004, p. 6).

Em 1993, Robert Entman, ao realizar a primeira revisão sistemática dos conceitos de enquadramento, passou a questionar a existência de um paradigma fraturado na Comunicação. Entman acreditava que o conceito de framing não estava bem explicado ao perceber que os estudiosos de enquadramento não deixavam claro de que formas o conceito se embute e se manifesta nos textos, ou como pode influenciar a opinião das pessoas. Para sanar esses problemas, Entman propôs que a Comunicação desenvolvesse um conceito chave e apontasse seus diferentes usos. A partir da análise dos quadros, seria possível indicar como um texto influencia a consciência humana (ENTMAN, 1993).

Entman (1993) estabeleceu que duas características são intrínsecas ao enquadramento: seleção e saliência. Alguns aspectos da realidade são selecionados para compor uma notícia e a eles é dada saliência. A partir disso, uma notícia que cobre um determinado acontecimento poderá informar um problema, dar as causas para este problema, passar um julgamento moral e até indicar possíveis soluções para o problema apresentado. O autor ressalta que o enquadramento não existe apenas para o jornalista que escreve a notícia, ele existe em todas as esferas do processo comunicativo, isto é, no receptor e no próprio texto. “Assim, o poder de enquadrar algo não está em nenhuma dessas instâncias, mas na relação entre elas” (MENDONÇA; SIMÕES, 2012, p. 193).

Dos estudos brasileiros focados na análise do conteúdo discursivo, podemos destacar a pesquisa de Rothberg (2014), que analisou notícias sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Rothberg (2014) buscou responder se as notícias apresentavam enquadramento episódico ou temático e caracterizou cada enquadramento a partir de componentes presentes nos textos pertencentes ao corpus estudado. Os componentes eram: seleção, ênfase e exclusão. No primeiro item, seleção, foram identificadas e descritas cada temática desenvolvida em cada notícia. No segundo item, ênfase, foram descritos os significados encontrados nos itens de maior destaque na notícia, isto é, a manchete, o lide e demais informações salientadas em pontos estratégicos nas matérias. Para identificar o que foi excluído das matérias, foi preciso relacionar aspectos que poderiam estar presentes no texto para melhor compor a temática apresentada ou o contexto dos fatos e contrastados com o que foi efetivamente encontrado nas matérias. Nos resultados, o autor concluiu que a maioria das notícias

apresentadas tinha o enquadramento episódico, “o que pode dificultar a percepção de um contexto de reconhecimento de direitos considerado um dos avanços para o aprofundamento da cidadania no país” (ROTHBERG, 2014, p. 420).

A última categoria dos estudos que se apropriaram do conceito de enquadramento diz respeito às pesquisas sobre análise do efeito estratégico – como as realizadas por Kahneman e Tversky – que se concentram nos “efeitos dos enquadramentos (*framing effects*)” para entender de que forma pequenas mudanças na apresentação de um enunciado provocarão diferentes resultados na opinião pública (MENDONÇA; SIMÕES, 2012, p. 194). Focam em analisar como atores sociais apresentam fatos para alterar a percepção das massas. Kahneman e Tversky (1986) contribuíram com seus estudos a partir do campo da psicologia. Os autores realizaram um experimento no qual pediam para dois grupos escolherem entre dois programas de prevenção a uma epidemia na Ásia que mataria 600 pessoas. Ao primeiro grupo, o programa foi apresentado como sendo uma alternativa que salvaria 200 pessoas e, ao segundo grupo, como uma alternativa que causaria a morte de 400 pessoas. As duas alternativas resultam na mesma quantidade de mortes, no entanto, pela forma de sua apresentação, a primeira alternativa foi selecionada por 72% do primeiro grupo e, no segundo, apenas 22% aceitaram a opção apresentada. Segundo Porto (2004, p. 4), os autores realizaram estudos “que demonstraram como mudanças na formulação de problemas podem causar variações significativas nas preferências das pessoas”.

Dos artigos nacionais que realizam análise do efeito estratégico, o de Fontes (2012) apresenta os resultados da pesquisa que buscou identificar de que forma a mídia brasileira enquadrava o tema aborto durante o período de campanha eleitoral em 2010, investigando o tema em 434 reportagens encontradas em 13 veículos impressos de circulação nacional, abrangendo jornais e revistas. Fontes (2012) apresentou o enquadramento como uma forma de revelar se a “escolha do viés de abordagem e a seleção das fontes contribuem para que determinadas teses se aproximem ou se distanciem dos interesses políticos e ideológicos do poder hegemônico” (p. 1806). A autora buscou verificar se a mídia enquadrava o tema aborto na agenda primária ou secundária para o enquadramento e concluiu que o tema teve ampla repercussão no pleito de 2010, mas foi enquadrado como assunto secundário, como tabu, e que nenhum dos veículos extrapolou os limites do agendamento pautado pelos candidatos presidenciais.

Rothberg e Berbel (2010) fizeram um trabalho similar ao identificar enquadramentos positivos ou negativos apresentados pela mídia sobre o tema transgênicos. A pesquisa teve como objetivo avaliar se houve pluralidade de informações fornecida pela mídia e se essa pluralidade funcionou como subsídio para a participação pública proposta pela Anvisa na época das matérias analisadas. Para eles, o enquadramento é uma construção simbólica de determinado fato, de acordo com o que explicita ou o que oculta desse fato. Os autores afirmam que, a partir dos enquadramentos presentes em um texto, é possível verificar o posicionamento de um jornalista ou de um veículo de comunicação, por meio do que o autor do texto escolhe divulgar ou excluir. A conclusão deste artigo foi a de que os jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo enquadram o tema transgênicos de forma positiva, e que o agendamento do tema realizado pelos jornais ofereceu subsídios para a participação popular proposta pela Anvisa.

Motta e Alencar (2011) analisaram as notícias sobre temas relacionados à crianças e adolescentes durante o período eleitoral de 2006 e até que ponto o trabalho de agendamento da mídia e de candidatos influenciou na qualidade da cobertura realizada pela mídia. As análises foram realizadas em 54 jornais e quatro telejornais brasileiros durante o ano de 2006, período de eleições presidenciais. Os autores encontraram três tipos de enquadramentos contextuais possíveis para o tema apresentado e analisaram em qual deles as notícias se encaixavam, uma vez que “[s]e a notícia restringe-se ao factual, a qualidade é restrita; se relatar o contexto, as políticas públicas e propostas de solução, a qualidade da informação se eleva” (MOTTA; ALENCAR, 2011, p. 28). Os três tipos de enquadramentos encontrados foram: a notícia situa socialmente a questão; a notícia aborda políticas públicas; e a notícia traz propostas para solucionar os problemas. Os autores também perceberam que a mídia falou mais sobre o tema de infância e adolescência na medida em que os candidatos também abordaram esse tema.

Já Pinto (2014) apresenta uma reflexão crítica a respeito das contribuições do enquadramento na investigação de como essa abordagem atua na influência da audiência. Pinto (2014) utiliza um conceito de framing que diz respeito à atribuição de significado “que tem como objetivo organizar a experiência da audiência em quadros interpretativos e guiar suas ações para que os objetivos traçados pelos atores

estratégicos sejam alcançados⁵”, na definição trabalhada por Snow et al (1986). A autora utiliza esse conceito para explorar a interação entre a securitization theory e a framing approach, de forma a compreender quais as contribuições do enquadramento na investigação da preferência de determinada audiência e qual o papel exercido no controle das audiências a partir da divulgação do enquadramento, feita pelo governo, de que havia uma ameaça existencial. Parte de uma premissa básica de que “essa estrutura pode ser aplicada a qualquer situação na qual um ator tenta convencer determinada audiência (ou um público-alvo) a participar de/mobilizar por e/ou acreditar em uma certa ideia”⁶ (PINTO, 2014, p. 164). A autora afirma que a aceitação da população do enquadramento proposto pelo governo acontecerá se a população observar que a explicação da ameaça é plausível e significativa.

2.2 ENQUADRAMENTO MULTIMODAL

Nesta dissertação, optou-se pela análise de enquadramento multimodal, que inclui, além da análise da notícia, a análise da narrativa, da estrutura e das imagens presentes nas matérias selecionadas. Essa análise seguirá o exemplo de Wozniak et al (2014), que concluíram que somente o estudo combinado de todos esses itens, que parecem incoerentes em um primeiro momento, permitiria compreender que história a mídia estava tentando passar para o público. Ao analisar notícias sobre mudanças climáticas, Wozniak et al (2014) perceberam que diferentes itens – fatos e declarações, estrutura da história e imagens – que compunham a matéria indicavam diferentes significados. Os autores deixam claro que as análises de enquadramento, narrativa e visual se originam em diferentes tradições epistemológicas, e que qualquer tentativa de padronizar análises de narrativas e imagens inevitavelmente perderá alguma sutileza interpretativa, mas, em contrapartida, encontraram três vantagens em combinar tais análises. A primeira delas é que padronizar as análises de narrativas e visuais pode validar a investigação de representações apresentadas pelas mídias de grande circulação. A segunda é que essa padronização permite estudar as inter-relações entre narrativas, enquadramentos e a parte visual das notícias em um grande número de itens. A terceira

⁵ Tradução nossa. Em inglês: “that aims at organizing the audience’s experience into interpretative frames, and guide their action so as to fulfill the objectives outlined by the strategic actor”.

⁶ Tradução nossa. No original: “this framework can be applied to any situation whereby an actor tries to convince a given audience (or a target group) to participate in/mobilize for and/or believe in a certain idea”.

vantagem é que permite o uso de um padrão comum para comparar o discurso utilizado em diferentes países ou culturas (WOZNIAK et al, 2014, p. 4). Para elaborar o livro de códigos da análise de enquadramento, foi seguido o modelo de análise multimodal de Wozniak et al (2014), dividido em duas partes. Uma delas contempla os “modos de representação de informação”⁷, que inclui o texto escrito e as representações visuais. A outra parte é a dos “modos de comunicação”⁸, que inclui enquadramento e narrativa.

A abordagem desenhada pelos autores foca na multimodalidade da cobertura impressa. “Isso se refere aos dois modos de representação da informação, texto escrito e representações visuais, bem como aos dois modos de comunicação, enquadramento e narrativa ou narração”⁹ (WOZNIAK et al, 2014, p. 5). A seguir serão apresentadas as categorias desenvolvidas para cada um dos modos de representação citados.

2.2.1 Análise da imagem

As imagens devem ser analisadas pois são mais naturalmente lembradas e facilmente identificáveis do que palavras, além de criarem ligações prontamente com as pessoas. As imagens apresentam diversos símbolos e ideias embutidas, que dão saliência a um determinado tema (RODRIGUEZ; DIMITROVA, 2011). Na parte visual, Wozniak et al (2014) descrevem as imagens, explicando que elas podem ser interpretadas como parte da narrativa e complemento do que está sendo dito, ou elementos que se sustentam sozinhos dentro da notícia.

A análise visual engloba fotografias e fotomontagens, cartoons, caricaturas, infográficos e mapas, no entanto, nesta pesquisa foram analisadas apenas as fotografias e as fotomontagens. Essa análise foi inspirada pelos quatro níveis de análise de enquadramentos visuais delimitados por Rodriguez e Dimitrova (2011): denotativo, semiótico-estilístico, conotativo e ideológico.

O primeiro nível é o denotativo, no qual as imagens são descritas sem realizar inferências a partir do que é mostrado, as características da imagem foram apresentadas, especificando cada item que compõe o elemento visual. Nesse item, o enquadramento pode ser identificado a partir dos elementos presentes na imagem e da forma pela qual

⁷ Tradução nossa. Em inglês: “representational modes of information”.

⁸ Tradução nossa. Em inglês: “communicative modes”.

⁹ Tradução nossa. No original: “This refers to the two representational modes of information, written text and visual representations, as well as two communicative modes, framing and storytelling or narration”.

estão organizados. Rodriguez e Dimitrova (2011, p. 53) explicam que “quadros resultam do reconhecimento dos elementos de design ou por organizar ou combinar sensações visuais ou ‘temas’ seguindo alguns princípios de organização”¹⁰.

O segundo nível refere-se ao ângulo da câmera e ao plano da imagem. Tais características em uma foto podem indicar que a figura representada na imagem está próxima (close) ou distante (plano médio) da audiência, ou se a imagem apresenta o contexto da situação (plano aberto). Podemos inferir, a partir do ângulo da câmera, se o indivíduo apresentado na imagem é visto de forma negativa (câmera alta) ou positiva (câmera baixa). Esse nível leva em conta as convenções estilísticas e transformações técnicas envolvidas na representação visual. Ao entendermos que tipo de ações as pessoas realizam na imagem, é possível entender que tipo de interação é criada entre o público e as pessoas presentes na imagem.

No terceiro nível, o conotativo, foi realizada a descrição de cenários e símbolos que compõem a imagem, pois “[n]esse nível, pessoas e objetos exibidos no elemento visual não apenas denotam um indivíduo, coisa ou lugar particulares, mas também as ideias ou conceitos atrelados a eles”¹¹ (RODRIGUEZ; DIMITROVA, 2011, p. 56). O enquadramento formado pelo que está representado na imagem é transmitido a partir de todos esses elementos, que, combinados, passam uma mensagem ao receptor.

O quarto nível trata as imagens como representações ideológicas, ao tratar da forma como imagens em notícias são empregadas como instrumentos de poder. A análise nesse nível responde a três perguntas: que interesses estão sendo atendidos por essas representações? As vozes de quem estão sendo ouvidas? Que ideias dominam?

Importante ressaltar que o terceiro e quarto níveis não são codificados de maneira quantitativa, pois tratam-se de níveis mais subjetivos de análise. Assim, cada uma das imagens terá tais níveis analisados a partir da ideia que despertam no codificador, das representações que compõem a mensagem que a mídia está tentando passar para o receptor por meio do conhecimento prévio existente na pessoa que vê a imagem.

Na Tabela 1 a seguir, é apresentado o livro de códigos com as variáveis e a aplicação de cada uma delas.

¹⁰ Tradução nossa. No original: “frames result from recognizing design elements and by organizing or combining visual sensations into “themes” following some principles of organization”.

¹¹ Tradução nossa. Em inglês: “[a]t this level, persons and objects shown in the visual not only denote a particular individual, thing or place, but also the ideas or concepts attached to them”.

TABELA 1 – CATEGORIZAÇÃO DA ANÁLISE DA IMAGEM

VARIÁVEIS	CATEGORIAS
V01 – Número de imagens na matéria	Quantidade de imagens presentes na matéria
V02 – Tipo de imagem	01 – Fotografia 02 – Fotografia + outro elemento visual 03 – Fotomontagem 04 – Desenho/caricatura 05 – Infográfico 06 – Outro
V03 – Atividade realizada pela pessoa presente na imagem	00 – Não há pessoas na imagem 01 – Protesto 02 – Ato simbólico 03 – Atividades cotidianas flagradas 04 – Pessoas em estado passivo 05 – Entrevista 06 – Outra atividade (deve ser especificada)
V04 – Ângulo da câmera	01 – Câmera baixa 02 – Normal 03 – Câmera alta
V05 – Plano da imagem	01 – Plano aberto 02 – Plano médio 03 – Plano fechado (close)
V06 – Descrição detalhada da imagem	Descrição da imagem, do cenário, das pessoas apresentadas, posição em que se encontram e roupa que vestem.

FONTE: Adaptada de COMPA (2016).

2.2.2 Análise da narrativa

Para analisar as narrativas, os autores se apoiam em Wolf (2002) que afirma que a narratividade é um conceito que pode, potencialmente, ser encontrado em qualquer notícia. A análise da narrativa foi dividida em três partes, sendo a primeira a definição de presença ou ausência de dramatização, do uso de expressões emotivas, da personalização e de trechos ficcionais, características que podem definir o grau de narratividade em um artigo. A dramatização esteve presente quando a notícia foi contada por meio de uma história, com início, meio e fim. A emoção foi encontrada quando houve a descrição do estado de humor de um ou mais personagens destacados na matéria e a personalização aconteceu no momento em que a notícia se ancorou na história, descrição ou perspectivas de um personagem. Por fim, a ornamentação estilística foi identificada quando a notícia apresentava o estilo literário, com o emprego de expressões que iam além da simples descrição dos acontecimentos.

Para delimitar qual o gênero da narrativa, Wozniak et al (2014) analisaram o tema geral da narrativa; o tom da história, se é fatalista, otimista, neutro, passional ou

pessimista; e os resultados esperados, isto é, se o conflito apresentado na história foi resolvido ou não. Por fim, pesquisaram se a narrativa apresenta atores que cumprem determinados papéis, como heróis, vilões ou vítimas. Em análise prévia, constatamos que tais papéis não se apresentam nas matérias sobre o movimento feminista. Assim, optamos por utilizar os enquadramentos definidos por Sarmiento (2017) ao analisar os sujeitos do feminismo apresentados pelo jornal Folha de S. Paulo nas três ondas do movimento, a saber: primeira onda, de 1920 a 1950; segunda onda, de 1960 ao fim dos anos 1980; e terceira onda, de 1990 a 2016. Embora considere a discussão realizada por Matos (2010) sobre a existência de uma quarta onda, Sarmiento (2017) escolheu agregar a terceira e quarta ondas em apenas uma, de maneira a conferir mais agilidade à análise. O mesmo foi realizado nesta dissertação. Em cada onda foram encontrados dois tipos de sujeitos do movimento feminista. Na primeira onda, a autora encontrou dois enquadramentos mais comumente associados às feministas: o de feminista desviante e o de feminista aceitável. Na segunda onda, estava presente novamente o enquadramento da feminista desviante e um novo sujeito: o da feminista organizada. Mais uma vez, na terceira onda foi encontrado o sujeito da feminista desviante e, dessa vez, existia também o enquadramento da feminista individual (SARMENTO, 2017).

Nesta dissertação, tomando como base as definições dos sujeitos dadas por Sarmiento (2017), incluímos como variáveis quatro sujeitos: o sujeito da feminista desviante, identificado quando a notícia aborda as feministas como diferentes daquelas que são consideradas mulheres “reais” ou “femininas”, conforme descrito por Sarmiento (2017, p. 26): “A oposição entre o feminismo e feminilidade é uma das constantes em todas as ondas analisadas”; o sujeito da feminista aceitável, isto é, aquela mulher que se apresenta como próxima “aos horizontes onde já se desenhavam os papéis sociais de homens e mulheres, especialmente do cuidado e da maternidade” (SARMENTO, 2017, p. 14); o sujeito da feminista organizada, aquele que é referido como pertencente a grupos, ONGs e órgãos regularizados; e, por fim, o sujeito da feminista individual, “que está atrelado especialmente ao uso da internet” (SARMENTO, 2017, p. 24), que defende suas demandas online, em redes sociais, e que é mais focado em causas de grupos menores dentro do movimento mais amplo, como, por exemplo, as demandas de mulheres negras, de mulheres lésbicas etc.

A Tabela 2 abaixo sistematiza este nível de análise.

TABELA 2 – CATEGORIZAÇÃO DA ANÁLISE DA NARRATIVA

(continua)

VARIÁVEIS	CATEGORIAS	EXEMPLOS
V07 – Dramatização: ocorre quando os fatos não são apresentados pela pirâmide invertida, mas são contados como uma história.	00 – Ausente 01 – Presente	“Aos 14 anos, o primeiro assédio. A quebra do silêncio, com o amplificador da rede social, não veio da vítima, mas do então menino que numa brincadeira na piscina se excedeu nos gestos com uma amiga”.
V08 – Emoção: está presente quando o estado emocional das personagens é descrito na matéria.	00 – Ausente 01 – Presente	“Criei duas mulheres muito críticas, questionadoras e que não se iludem. Elas têm os pés no chão — gaba-se Silvia”.
V09 – Personalização: ocorre quando a matéria foca em uma personagem para contar a história.	00 – Ausente 01 – Presente	“O batismo de Gal como Mulher-Maravilha aconteceu no ano passado, quando a personagem surge no final de “Batman versus Superman”, de Zack Snyder, para salvar o dia dos mocinhos. (...) Juntamente com a superprodução, que repagina o ícone da cultura pop, símbolo do poder feminino por mais de 75 anos, Gal recebe o desafio de ocupar o lugar de Lynda [Carter] no imaginário coletivo”.
V10 – Ornamentação estilística: está presente quando os fatos são relatados no estilo literário.	00 – Ausente 01 – Presente	“Lola briga por um outro mundo e, mesmo se dizendo desacreditada do poder da Internet de unir as pessoas, a professora deixa que os olhos muito azuis encham-se de sorriso ao desejar um modelo de sociedade que ainda não tem nome”.
Sujeitos do feminismo V11 – Feminista desviante	00 – Ausente 01 – Presente	“Sara considera que os movimentos feministas estão fadados ao fracasso. Ela diz que as feministas, em sua maioria, exigem 100% de adesão às teses do movimento e não toleram divergências ideológicas”.

TABELA 2 – CATEGORIZAÇÃO DA ANÁLISE DA NARRATIVA

(conclusão)		
VARIÁVEIS	CATEGORIAS	EXEMPLOS
Sujeitos do feminismo V12 – Feminista aceitável	00 – Ausente 01 – Presente	“Mãe de Antônia, de quase 8 anos, ela diz que está aprendendo a educá-la na prática. E conta que tem uma ótima relação com o pai da menina, seu ex-marido, o diretor Claudio Peixoto. Eles não só dividem os cuidados com a menina como também são amigos, e costumam se ver nos fins de semana: Camila com o atual namorado, o ator Igor Angelkorte, e Claudio com a nova companheira, Gabi”.
Sujeitos do feminismo V13 – Feminista organizada	00 – Ausente 01 – Presente	“(…) em Molbourne, na Austrália, o feminismo fará parte da grade curricular de uma escola. A ideia partiu das próprias alunas da Fitzroy High School, que em 2013 formaram um coletivo feminista sob orientação da professora Briony O’Keeffe”.
Sujeitos do feminismo V14 – Feminista individual	00 – Ausente 01 – Presente	“Ao exaltar o empoderamento das mulheres, as cantoras de funk influenciaram a linguagem de eventos feministas, como a versão brasileira da Marcha das Vadias, cujas palavras de ordem se apropriam dos hits libidinosos de Valesca ou Tati Quebra Barraco. Segundo Carla Rodrigues, é o reflexo de um feminismo mais aberto, pautado no dia a dia e nas experiências pessoais, e que não exige o comprometimento teórico do ambiente acadêmico. Segundo ela, já não é mais preciso ter “carteirinha de feminista”. Hoje, basta se declarar feminista para sê-lo”.

FONTE: Adaptada de COMPA (2016).

2.2.3 Análise de enquadramento noticioso

Para analisar a notícia, utilizamos o modelo de Ashley e Olson (1998). As autoras partiram de definições comumente relacionadas a movimentos sociais para entender as formas como a mídia poderia enquadrar o movimento feminista. São elas: importância – grupos sociais serão importantes para a imprensa se o grupo receber cobertura rotineira; ilegitimidade – grupos são mostrados como ilegítimos quando as notícias focaram em aspectos que não o motivo dos protestos ou demandas do movimento, por exemplo, quando aspas são utilizadas para trivializar, quando a aparência das manifestantes é descrita etc.; desvio – grupos são mostrados como desviantes (quebrando normas sociais) se a imprensa enfatiza violência e direciona os protestantes contra alguém ou alguma coisa; e evento – cobertura foca mais no evento do que nas questões do grupo social (ASHLEY; OLSON, 1998).

A partir dessas definições, esta pesquisa analisou as seguintes variáveis: “Importância”, verificando a quantidade total de matérias por veículo no período analisado; em que seção do jornal a matéria está inserida; qual o tema da matéria; e se membros do movimento são ouvidos. Na variável “Ilegitimidade”, verificamos se são utilizadas aspas para se referir a termos comuns ao movimento feminista; se a aparência das manifestantes foi enfatizada; se as manifestantes foram representadas como uma parcela pequena e separada da população; e se conflitos internos foram enfatizados. A variável “Desvio” tratou de entender se conflitos, violência ou vandalismo foram enfatizados e se as manifestantes foram representadas como inimigas ou fazendo oposição a algum outro grupo. Por fim, na variável “Evento x problema”, buscamos identificar se as demandas do movimento foram enfatizadas e se as ações do movimento tiveram destaque na cobertura jornalística.

Na parte de análise do texto, foram incluídas as categorias relativas à teoria bidimensional de justiça de Nancy Fraser, de forma a identificar quais são as demandas do movimento, conforme apresentado pela mídia nas notícias sobre o movimento feminista. Para elaboração desse item no livro de códigos, utilizamos as definições de Nancy Fraser sobre o que é necessário para que haja reconhecimento ou redistribuição aplicados a grupos minoritários e verificamos se a mídia entende que o movimento feminista busca por redistribuição ou reconhecimento para obter justiça social e se os comentaristas corroboram com essa visão. Nesse item, as categorias são

Reconhecimento e Redistribuição. A categoria Reconhecimento aparece quando a notícia fala sobre as formas como o movimento é visto pela sociedade, quando cita características comumente atribuídas às feministas e quando fala sobre momentos em que as militantes sofreram preconceito por se identificarem como feministas. A categoria Redistribuição está presente quando a notícia cita as demandas do movimento, como a demanda por ocupação de espaços públicos em segurança, por exemplo.

A Tabela 3 apresenta as variáveis que compõem este nível de análise.

TABELA 3 – CATEGORIZAÇÃO DA ANÁLISE DE ENQUADRAMENTO NOTICIOSO

(continua)

VARIÁVEIS	CATEGORIAS	EXEMPLOS
Importância		
V15 – Seção	Indicar a seção na qual a matéria estava inserida	
V16 – Tema	Descrever brevemente o tema da matéria	
V17 – Membros do movimento são ouvidos?	00 – Não 01 – Sim	
Ilegitimidade		
V18 – Termos referentes ao movimento são apresentados entre aspas?	00 – Não 01 – Sim	“Uma ‘sociedade inclusiva’, de acordo com grupos de esquerda como o Center for American Progress, se configuram como um governo que exige que a sociedade use certos pronomes, ensine ideologia transgênero para as crianças, e abra banheiros públicos para as pessoas com base na sua identidade de gênero”.
V19 – A aparência das feministas é descrita?	00 – Não 01 – Sim	“A principal arma de suas militantes são os seios nus, a pele pintada com slogans em defesa de suas causas, e a cabeça adornada por uma coroa de flores. Semidespidas e aos gritos de palavras de ordem, as ativistas ambicionam acabar com a ‘dominação mundial do patriarcado”.
V20 – As feministas são descritas como uma parcela separada da população?	00 – Não 01 – Sim	“Juliana ainda vai mais longe e diz que as feministas se equivocam ao não respeitar essas características das mulheres”.

TABELA 3 – CATEGORIZAÇÃO DA ANÁLISE DE ENQUADRAMENTO NOTICIOSO

(continuação)

VARIÁVEIS	CATEGORIAS	EXEMPLOS
V21 – Conflitos internos ao movimento são enfatizados?	00 – Não 01 – Sim	“Só que essa nova militância, vendida em uma embalagem de glamour, purpurina e sensualidade, tem dividido feministas. Na internet, alguns ativistas mostraram descontentamento com a associação entre militância e marketing. Enquanto muitos desconfiam que as ideias do movimento podem ser diluídas ou edulcoradas pelo fenômeno, outros valorizam a sua difusão”.
Desvio		
V22 – Conflitos com a população, violência e/ou vandalismo são enfatizados?	00 – Não 01 – Sim	“O que deveria ser um debate de ideias sobre o feminismo na noite da última segunda (5), na UFG (Universidade Federal de Goiás), transformou-se em um conflito marcado por hostilidade e anulação da liberdade de expressão. A palestrante Thais Godoy Azevedo – que edita a página de Facebook ‘Moça, não sou obrigada a ser feminista’ – foi alvo de manifestantes, que interromperam a realização do evento ‘Desmascarando o Feminismo’”.
V23 – As feministas são apresentadas como inimigas/em conflito com algum outro grupo?	00 – Não 01 – Sim	“A empolgação feminista não atinge todas as mulheres. Pelo contrário, algumas delas consideram o assunto sufocante e até criam grupos antifeministas”.
Evento x problema		
V24 – As demandas do movimento são descritas?	00 – Não 01 – Sim	“No entanto, mais que comercializar a bebida, a ideia das três mulheres, que também criaram o nome, a marca e o site do produto, é levar para a mesa dos botecos a discussão sobre o machismo existente nas propagandas”.

TABELA 3 – CATEGORIZAÇÃO DA ANÁLISE DE ENQUADRAMENTO NOTICIOSO (conclusão)

VARIÁVEIS	CATEGORIAS	EXEMPLOS
V25 – As ações do movimento são divulgadas?	00 – Não 01 – Sim	“Um café na cidade de Melbourne, na Austrália, se tornou assunto nas redes sociais depois de começar a cobrar uma taxa de 18% a mais de homens que consomem no local. O “imposto”, segundo a direção do Handsome Her, busca compensar diferenças salariais existentes entre homens e mulheres”.
Teoria bidimensional de justiça		
V26 - Demandas do movimento	00 – Ausente 01 – Reconhecimento 02 – Redistribuição 03 – Paridade participativa	<p>01 – Reconhecimento: Fundadora do site “Think Olga”, que lançou no ano passado o “Chega de fiu fiu”, uma campanha contra o assédio às mulheres nas ruas, a jornalista Juliana de Faria acredita que as redes sociais foram fundamentais no renascimento do feminismo nos anos 2000.</p> <p>02 – Redistribuição: “— A palavra feminismo sempre vai estar na moda, dificilmente vamos ultrapassar o preconceito a discriminação de gênero —, disse Glória, que abordou a questão da representatividade no mercado de trabalho”.</p> <p>03 – Paridade participativa: (...) a capacidade de saber como criar um filho ou filha não está apenas ligada à existência do útero, como assim mostram tantos exemplos em que a genitora não pôde estar presente nos cuidados às crianças. Essa é uma das questões que o feminismo, movimento que prega a igualdade de direitos entre os gêneros e a solidariedade entre as mulheres, tenta dar conta, incluindo o desafio de educar uma nova geração que vem ao mundo sofrendo as mesmas pressões contra as quais as mães se rebelaram, como a misoginia.</p>

FONTE: Adaptada de COMPA (2016).

2.3 CORPUS DE ANÁLISE

Nesta pesquisa foram analisadas as matérias apresentadas nos jornais O Globo, Gazeta do Paraná e O Povo sobre o movimento feminista. As matérias foram coletadas por meio do aplicativo Netvizz, que coletou os posts publicados nas páginas do Facebook dos jornais acima citados. Então, foram utilizados os termos “feminista” e “feminismo” para buscar por matérias relacionadas ao movimento feminista. Das notícias encontradas com esses termos, selecionamos aquelas que apresentam imagens. O corpus é composto por 10 matérias do jornal O Povo, 12 da Gazeta do Povo e 23 do jornal O Globo.

O jornal O Povo é o jornal mais antigo de Fortaleza, no Ceará, tendo sido fundado em 1928¹². Segundo a pesquisa realizada em 2015 pela Associação Nacional de Jornais (ANJ)¹³, O Povo está na lista dos maiores jornais do Brasil com circulação paga, com uma média de circulação de 17.298 jornais impressos. O site foi criado em 1997 e a página no Facebook foi criada em 2010. Em sua página, o jornal realiza muitas postagens sobre política e sobre fatos curiosos, amenidades. Não há uma frequência bem definida, são postados 3 ou 4 links na mesma hora, depois mais 2 ou 3 1 hora depois. Em média, 20 postagens e, embora seja um jornal do Ceará, o foco são notícias nacionais. A Gazeta do Povo foi fundada em 1919 e é o maior jornal em circulação do Paraná, de acordo com dados da ANJ, com 36.341 jornais impressos em circulação, em média. O jornal é situado em Curitiba e criou sua fanpage na rede social aqui pesquisada em 2011. São postados em média 30 vezes por dia, sendo links e também vídeos da redação com jornalistas apresentando ou discutindo notícias. Os temas dividem-se em política e entretenimento, e há muitas postagens de notícias locais, sobre Curitiba e o Paraná como um todo. O jornal O Globo foi fundado em 1925 e é um dos principais quality papers nacionais, situado no Rio de Janeiro e com a média de 193.079 jornais impressos em circulação. Esse é o jornal com mais postagens na plataforma, sendo mais de 40 por dia. Os temas permanecem os mesmos dos demais, com o foco em política e entretenimento. A diferença é que nesse veículo, há também muitas notícias da editoria de Polícia.

¹² <http://fdr.org.br/democrito-rocha/>.

¹³ <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>.

A rede social Facebook, no Brasil, é uma plataforma utilizada por 66 milhões de usuários e também é a rede social que apresenta a maior quantidade de tempo gasto em navegação (BARROS; CARREIRO, 2016). Os jornais criaram suas páginas nessa rede social e, nela, reproduzem links de notícias publicadas em seus portais. A partir da migração para essas novas plataformas, houve a criação de um novo tipo de jornalista, chamado por Massuchin e Carvalho (2016, p. 158) de “jornalistas polivalentes”, que serão responsáveis pela apuração e disseminação de conteúdo em plataformas online e off-line. Segundo a autora, a entrada nessas novas plataformas modificou o processo de produção jornalística. Para ela, “[a] produção torna-se integrada, a circulação ocorre por múltiplos espaços e o consumo se dá por meios também distintos, digitais e convencionais” (MASSUCHIN; CARVALHO, 2016, p.158).

Massuchin e Carvalho (2016) explicam que, para os jornais que criaram suas fanpages no Facebook, a plataforma age como uma “ponte” para o acesso dos leitores aos portais de notícias. A partir do acesso aos portais, o leitor pode conectar-se a outras notícias de temas diversos, além daquele que o “fisgou” em direção ao site do jornal. Por isso, os links postados na referida rede social são escolhidos por relevância e por serem aqueles que podem despertar o maior interesse do leitor. “Isso acaba levando os jornais a optarem por falar de entretenimento e celebridades ao invés de política, ainda que este tema também tenha seus valores notícias bastante evidentes” (MASSUCHIN, 2017, p. 2). Esse interesse mostrado pelos usuários da plataforma gerou um novo tipo de notícia, chamado de “infotainment”, isto é, uma junção de informação e entretenimento, que aborda temas sérios de maneira mais “leve” (MASSUCHIN; CARVALHO, 2016).

Além da disseminação de notícias a partir de suas próprias fanpages, os jornais também contam com a chamada “exposição acidental”, o que permite que determinado usuário chegue ao conteúdo dos jornais sem precisar curtir a página, seja porque um de seus “amigos” compartilhou, curtiu ou comentou em algum post. “Neste sentido, pode-se dizer que os leitores são também agentes importantes e responsáveis pela circulação das informações neste processo denominado de recirculação” (MASSUCHIN; CARVALHO, 2016, p. 159).

Importante destacar que, na contramão dessas investidas dos jornais em ampliar o alcance de suas fanpages, o jornal Folha de S. Paulo decidiu publicamente¹⁴, no dia 8

¹⁴ <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/folha-deixa-de-publicar-conteudo-no-facebook.shtml>.

de fevereiro de 2018, parar com as atualizações em sua página na rede social. A decisão foi tomada a partir das diretrizes editoriais do jornal, que iam de encontro às definições do algoritmo do Facebook, que passou a diminuir a visibilidade do conteúdo jornalístico publicado – devido à grande disseminação das chamadas fake news¹⁵ – em prol de interações entre os usuários da rede. O jornal afirmou ainda que foi relevante para a decisão o fato de que, embora seja a fanpage de jornal impresso brasileiro com mais curtidas, as interações caíram 32% em janeiro deste ano, se comparadas ao mesmo período no ano anterior. Tais alegações levam a questionar que efeitos essa decisão terá nos outros jornais, se mais veículos também abandonarão a plataforma, ou se, ao contrário, tentarão buscar novas maneiras de tornar seu conteúdo mais relevante e acessado pelo público. No anexo desta dissertação, estão listadas todas as matérias (tabela 5) selecionadas para compor o corpus de pesquisa.

¹⁵ Para mais informações sobre o tema, ver: SOUZA; TESSAROLO, 2017 e SANTOS; SPINELLI, 2017.

3 RESULTADOS

O corpus desta pesquisa é composto de 48 matérias, sendo 10 do jornal O Povo, 12 da Gazeta do Povo, e 26 do jornal O Globo. Foram excluídas aquelas matérias que apresentavam os links quebrados, que não continham foto ou que não tratavam do movimento feminista, como, por exemplo, matérias que continham a palavra “feminista” ou “feminismo” na manchete, mas que se tratava de um perfil sobre uma celebridade e apresentava apenas uma linha com os dizeres “a cantora se diz feminista”, por exemplo, e não explorava mais o movimento ou o significado dessa afirmação para a personalidade apresentada na matéria.

Os resultados da análise são apresentados a seguir. Optou-se por separar a análise em função dos três níveis observados (imagem, narrativa e enquadramento noticioso), dessa forma, a cada nível serão descritos os resultados gerais de cada uma das variáveis analisadas e, em seguida – e quando pertinente – será realizada a comparação entre os três veículos pertencentes ao corpus da pesquisa.

3.2 ANÁLISE DA IMAGEM

Neste nível de análise foram codificadas as seguintes variáveis: V01 – *Número de imagens na matéria*; V02 – *Tipo de imagem*; V03 – *Atividade realizada pela pessoa na imagem*; V04 – *Ângulo da câmera*; V05 – *Plano da imagem*; e V06 – *Descrição detalhada da imagem*.

A maioria das notícias – 32, no total – apresentava apenas uma imagem (V01). 16 matérias apresentaram mais de uma imagem. Assim, ao todo foram veiculadas 88 imagens, porém, só foi realizada a análise descritiva e interpretativa das fotografias, presentes em 45 matérias (V02). Nesta dissertação, analisamos a fotografia que recebeu maior destaque em cada matéria, ou a primeira, no caso de matérias que apresentavam imagens do mesmo tamanho.

Três notícias da Gazeta do Povo apresentaram *Desenho/caricatura*. A primeira matéria está no Caderno G, “Novo jeito de pensar as relações entre os sexos”¹⁶, e aborda

¹⁶ Veiculada na Gazeta do Povo, em 13 de abril de 2012. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/novo-jeito-de-pensar-as-relacoes-entre-os-sexos-2n7kxy7efwmk3z65v6auc9wzy>.

as mudanças e conquistas alcançadas pelo movimento, no entanto, destaca também atos de machismo que ainda devem ser combatidos. A ilustração apresentada na matéria (Figura 1) encontra-se a seguir e faz referência à queima simbólica¹⁷ de sutiãs atribuída a um protesto feminista realizado pelo Movimento de Liberação das Mulheres¹⁸, em 1968, nos Estados Unidos. Porém, como já afirmado, não entrou no corpus de análise dessa pesquisa.

FIGURA 1 – DESENHO GAZETA DO POVO



FONTE: Gazeta do Povo (2012).

A V03 tratava da *Atividade realizada pela pessoa na imagem*. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 1 abaixo.

¹⁷ As mulheres protestavam em Atlantic City, em frente ao local onde acontecia o concurso Miss América. A intenção era queimar sutiãs e maquiagens para representar o fim da ditadura de beleza, porém essa queima não chegou a acontecer (PEDRO; GUEDES, 2010).

¹⁸ Tradução nossa. No original: Women's Liberation Movement.

GRÁFICO 1 – ATIVIDADE REALIZADA PELA PESSOA NA IMAGEM (V03)



FONTE: A autora (2018).

Pessoas foram representadas em 36 fotografias (12 imagens não apresentavam pessoas, neste caso a maioria trata-se de *Desenho/caricatura*, seguido por imagens de lugares e objetos, como livros e revistas). Na maioria delas (28), as pessoas foram representadas *Em estado passivo*, como é exemplo a Figura 2 abaixo, veiculada n’O Globo, na matéria “O feminismo no mundo das artes”¹⁹:

¹⁹ Matéria veiculada n’O Globo em 8 de março de 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/o-feminismo-no-mundo-das-artes-15520191>.

FIGURA 2 – PESSOA EM ESTADO PASSIVO



FONTE: Fred Prouser/Reuters (2016).

Apenas três imagens mostravam pessoas em *Protesto*, uma representava um *Ato simbólico* e uma mostrava uma *Atividade cotidiana flagrada*. O baixo número de imagens em atos simbólicos e de protesto, considerando-se a grande quantidade de marchas que aconteceram pelo país desde 2011, quando teve início a Marcha das Vadias, ou em 2015, com a chamada Primavera das Mulheres, vem ao encontro do que concluíram Massuchin e Carvalho (2016) a respeito das notícias de entretenimento, que são mais frequentemente publicadas nas fanpages dos jornais com o objetivo de chamar atenção e captar a audiência.

Uma imagem de *Protesto* foi veiculada pelo jornal O Globo, como é exemplo a Figura 3 abaixo. Nesta imagem vemos mulheres protestando em Washington contra a eleição de Donald Trump um dia após sua posse como presidente dos Estados Unidos, na matéria “Brasileiras protestam em marcha feminista contra Trump nos EUA”²⁰.

²⁰ Veiculada em 21 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/brasileiras-protestam-em-marcha-feminista-contr-trump-nos-eua-20807272>.

FIGURA 3 – PESSOAS EM PROTESTO



FONTE: Henrique Gomes Batista (2017).

A outra imagem de *Protesto* foi veiculada pelo jornal Gazeta do Povo, em artigo sobre as razões pelas quais os movimentos feminista, negro e LGBT ainda sofrem rejeição pela sociedade brasileira, intitulado “4 razões por que ainda há tanta rejeição aos movimentos feminista, negro e LGBT”²¹. A imagem em questão (Figura 4 mostrada a seguir) exhibe homens e mulheres com cartazes com frases e cores do movimento LGBT. É possível ver que o tamanho da bandeira do movimento segurada por algumas pessoas extrapola os limites da imagem, no entanto, a imagem mostra apenas poucas pessoas reunidas. Nessa imagem, não conseguimos ver a quantidade real de participantes do protesto, pois o *Plano da imagem* (V05) é médio, mostrando apenas um recorte do que está se passando na cena em questão, estilo utilizado muitas vezes como estratégia para que o contexto não seja divulgado para o observador.

²¹ Publicada em 16 de agosto de 2017. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/ideias/4-razoes-por-que-ainda-ha-tanta-rejeicao-aos-movimentos-feminista-negro-e-lgbt-8kalyfkhomtjugwe98nwexwcp>.

FIGURA 4 – SEGUNDO EXEMPLO DE PESSOAS EM PROTESTO



FONTE: Olga Maltseva/AFP (2017).

A última imagem de *Protesto* também foi veiculada pela Gazeta do Povo. Na Imagem 5 abaixo, da matéria “Grupo feminista protesta em frente à casa de vidro do BBB contra ‘alienação das pessoas’”²², vemos uma das manifestantes do grupo Femen com os seios à mostra e dizeres escritos em seu corpo sendo carregada nos braços por três homens.

²² Publicada em 9 de janeiro de 2013. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/grupo-feminista-protesta-em-frente-a-casa-de-vidro-do-bbb-contr-a-alienacao-das-pessoas-aadjw2426o3w8rp6wcyjn9ovp>.

FIGURA 5 – TERCEIRO EXEMPLO DE IMAGEM DE PROTESTO



FONTE: Agência O Globo (2013).

Havia uma imagem, publicada na matéria “Militantes do Femen abrem centro de treinamento em Paris”²³, do jornal O Globo, com uma manifestante do grupo feminista Femen em um *Ato simbólico*. Trata-se de um ato simbólico pois representa um conceito da luta feminista, por apresentar uma mulher em uma pose de enfrentamento, com os braços ao lado do corpo e séria. Escrito em seu corpo, as palavras de ordem “I am free” (“eu sou livre”, em português).

FIGURA 6 – ATO SIMBÓLICO



FONTE: Agência O Globo (2013).

²³ Veiculada em 9 de janeiro de 2013. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/militantes-do-femen-abrem-centro-de-treinamento-em-paris-6173080>.

Apenas uma das imagens, do jornal O Globo, apresentava uma pessoa realizando *Outra atividade*, a fotografia que exibia a jornalista Glória Maria em pé, com um microfone na mão e a outra na cintura, da notícia intitulada “‘A palavra feminismo sempre vai estar na moda’, diz Glória Maria em evento”²⁴.

FIGURA 7 – PESSOA EM OUTRA ATIVIDADE



FONTE: Adriana Lorete/Agência O Globo (2017).

A grande maioria das imagens (40, no total) apresentava *Ângulo normal* (V04), apenas uma das imagens apresentava *Câmera alta* e duas, *Câmera baixa*, como é exemplo a Figura 6 acima, da manifestante do grupo Femen. Conforme afirmam Rodriguez e Dimitrova (2011), esse tipo de ângulo apresenta a pessoa representada na imagem em uma posição dominante, sugere superioridade.

A Figura 8 abaixo, presente na matéria “Da Maré, Marielle Franco chega à Câmara como a quinta mais votada”²⁵, publicada no jornal O Globo, é exemplo de câmera alta. A matéria conta a trajetória da vereadora, que saiu de uma favela e conseguiu ser uma das deputadas mais votadas do Rio de Janeiro. Rodriguez e Dimitrova (2011) explicam que esse tipo de ângulo retrata a pessoa em uma posição de submissão, inferioridade com relação ao observador. Apesar de as autoras destacarem

²⁴ Veiculada em 31 de março de 2017. Disponível em: https://oglobo.globo.com/ela/gente/a-palavra-feminismo-sempre-vai-estar-na-moda-diz-gloria-maria-em-evento-21142197?utm_source=Facebook&utm_medium=Social&utm_campaign=O%20Globo.

²⁵ Publicada em 4 de outubro de 2016. Disponível em: https://oglobo.globo.com/brasil/2016/10/04/3046-da-mare-marielle-franco-chega-camara-como-quinta-mais-votada?utm_source=Facebook&utm_medium=Social&utm_campaign=O%20Globo.

essas características, na imagem a seguir, a pessoa representada aparenta uma simpatia, por estar olhando diretamente para a câmera e sorrindo.

FIGURA 8 – CÂMERA ALTA

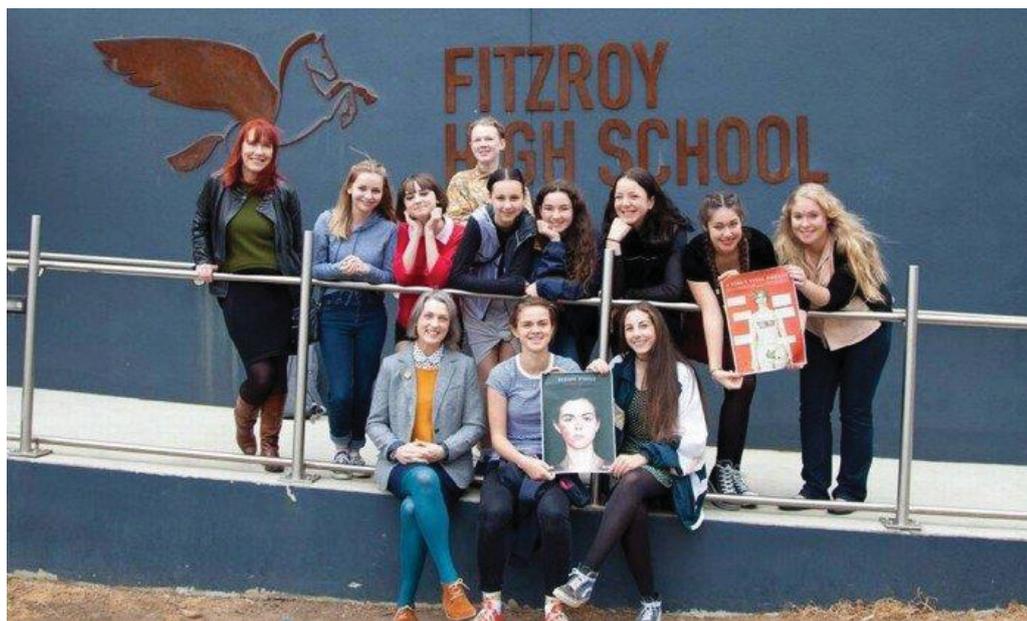


FONTE: Márcia Foletto (2016).

Quanto ao *Plano da imagem* (V05), 16 exibiam *Plano aberto*, outras 16, *Plano médio* e somente 10 em *Plano fechado (close)*. O *Plano aberto* é utilizado para contextualizar uma determinada situação, como mostrado na Figura 9 a seguir, presente na matéria “Escola australiana incorpora feminismo à grade curricular”²⁶, que mostra várias mulheres juntas, sorrindo, com algumas segurando cartazes. Atrás delas, é possível ver o símbolo e o nome da escola.

²⁶ Veiculada em 6 de novembro de 2016. Disponível em:
<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/escola-australiana-incorpora-feminismo-grade-curricular-17980314>.

FIGURA 9 – IMAGEM EM PLANO ABERTO



FONTE: Reprodução/Facebook (2016).

O *Plano médio* é mais utilizado para colocar a pessoa retratada no nível do olhar do observador, como na Figura 10 a seguir, que mostra a pastora Sarah Sheeva da cintura para cima, ocupando quase toda a altura da foto, na matéria “Há dez anos sem sexo, Sarah Sheeva dispara contra o feminismo atual: ‘Direitos iguais não é legal’”²⁷, veiculada n’O Globo. Esse tipo de plano indica uma relação pessoal com a pessoa retratada, como pode ser exemplificado na imagem seguinte:

²⁷ Publicada em 6 de outubro de 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/ha-dez-anos-sem-sexo-sarah-sheeva-dispara-contr-feminismo-atual-direitos-iguais-nao-legal-21910609>.

FIGURA 10 – EXEMPLO DE PLANO MÉDIO



FONTE: Instagram/Reprodução (2017).

Um exemplo de *Plano fechado (close)* é a imagem inclusa na matéria “Juliana Paes critica feminismo ‘excessivo’: ‘Não quero queimar sutiãs’”²⁸, veiculada no jornal O Povo. Esse plano é utilizado para indicar intimidade com o que está sendo retratado, aproximando o objeto ao observador, como pode ser verificado na Figura 11 abaixo:

²⁸ Publicada em 3 de abril de 2017. Disponível em:
<https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2017/04/juliana-paes-critica-feminismo-excessivo-nao-queiro-queimar-sutias.html>.

FIGURA 11 – PLANO FECHADO (CLOSE)



FONTE: O Povo (2017).

Na *Descrição da imagem* (V06), concluímos que, no geral, elas apresentavam apenas uma pessoa *Em estado passivo*, com ângulo da câmera *normal* e plano *médio*. Essas características em uma imagem indicam que a pessoa retratada está próxima do observador, a seu alcance, vista de igual para igual. Como muitas matérias tinham seu foco em uma personagem, ela estava retratada na imagem. A maioria das celebridades aparecia em foto posada de editorial ou em algum evento, passivas, sempre muito maquiadas, bem vestidas e sérias, olhando para a câmera, como é possível ver na Figura 12 a seguir, da matéria d'O Globo “Marion Cotillard diz que ‘não se considera feminista’”²⁹:

²⁹ Publicada em 28 de setembro de 2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/gente/marion-cotillard-diz-que-nao-se-considera-feminista-17629350>.

FIGURA 12 – FOTO DE EDITORIAL



FONTE: Ryan McGinley (2015).

Em uma matéria que apresentava mais de uma pessoa, aquela intitulada “Olhar tradicionalista. O lado de quem se diz incomodada”³⁰, d’O Povo (Figura 13), as personagens usam vestidos e estão sentadas em uma cama, uma ao lado da outra. O plano da imagem é *aberto*, apresentando as jovens longe da câmera, e o ângulo da câmera é *normal*, mostrando as mulheres de frente, sorridentes e parecendo estar no mesmo nível que o leitor, bem como abertas ao diálogo. As duas estão sentadas em uma cama com lençol florido, seus vestidos vão até o joelho, indicando que se tratam de moças delicadas e comportadas, com uma imagem pacífica. Geralmente, quando as feministas representadas na imagem se tratavam de mulheres comuns, e não celebridades, elas apareciam sem maquiagem e vestidas de maneira simples.

³⁰ Veiculada em 8 de novembro de 2015. Disponível em:
<http://www20.opovo.com.br/app/opovo/dom/2015/11/07/noticiasjornaldom,3530438/olhar-tradicionalista-o-lado-de-quem-se-diz-incomodada.shtml>

FIGURA 13 - OLHAR TRADICIONALISTA. O LADO DE QUEM SE DIZ INCOMODADA



FONTE: Tatiana Fortes/O POVO (2015).

Essa imagem (Figura 13) é representativa das fotografias que apresentam as mulheres que declaram não ser feministas, uma vez que exemplifica a forma como essas mulheres são mostradas. Em uma foto como a de Sarah Sheeva (Figura 10), as imagens passam a ideia da mulher acessível, recatada e feminina. Mesmo na Figura 12 acima, com a atriz francesa Marion Cotillard, em que a mulher está maquiada e posando para a câmera, a personagem é retratada olhando para a câmera, de vestido, passando uma imagem de feminilidade.

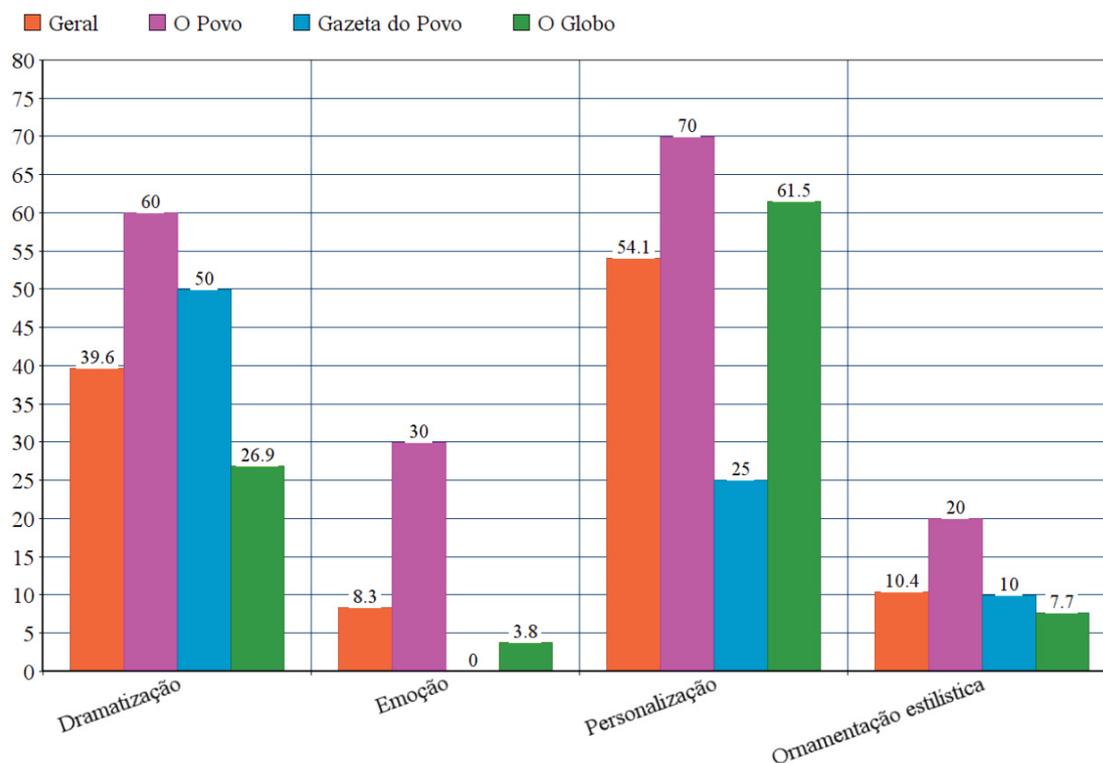
3.2 ANÁLISE DA NARRATIVA

No que diz respeito à narrativa, foram codificadas as seguintes variáveis: V07 – *Dramatização*; V08 – *Emoção*; V09 – *Personalização*; e V10 – *Ornamentação estilística*. Codificamos também os tipos de sujeito do feminismo com as variáveis: V11

– *Feminista desviante*; V12 – *Feminista aceitável*; V13 – *Feminista organizada*; e V14 – *Feminista individual*.

Com relação ao grau de narratividade, julgamos os itens a partir da ausência ou presença das variáveis, e os resultados são apresentados no Gráfico 2 abaixo:

GRÁFICO 2 – ANÁLISE DA NARRATIVA



FONTE: A autora (2018).

A *Dramatização* (V07) foi encontrada em 39,6 % das matérias. Uma delas, intitulada “Leymah Gbowee, que venceu uma guerra com greve de sexo, quer conhecer Dilma Rousseff”³¹, da *Gazeta do Povo*, começava da seguinte maneira:

O teatro grego criou Lisistrata, a ateniense que, cinco séculos antes de Cristo, liderou mulheres numa greve de sexo. Ao rejeitarem os seus maridos, ajudaram a acabar com a guerra entre Esparta e Atenas. No mundo real do fim do século XX e início do XXI, a brutal guerra civil na Libéria, país do oeste africano, criou Leymah Gbowee. Unindo cristãs como ela e muçulmanas, Leymah — assim como a personagem de Aristófanes — propôs que as liberianas parassem de transar com seus parceiros (O GLOBO, 2012).

³¹ Publicada em 26 de outubro de 2012. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/gente/leymah-gbowee-que-venceu-uma-guerra-com-greve-de-sexo-quer-conhecer-dilma-rousseff-16953746>.

A *Emoção* (V08) apareceu em apenas 4 notícias (8,3%), uma delas publicada por O Globo, e as outras três pelo jornal O Povo. Das três matérias d'O Povo em que a *Emoção* foi encontrada, duas tratavam-se de entrevistas, ambas com a professora da Universidade Federal do Ceará e blogueira Lola Aronovich relatando diferentes ataques sofridos devido a sua militância feminista, o que pode justificar a escolha do veículo em descrever o estado de humor da professora, como exemplificado no trecho a seguir: “A professora comemora o debate gerado pelo tema da última redação do Enem, mas constata: ‘Com toda ação, vem a reação. Sempre que o feminismo avança um pouquinho vem uma reação gigantesca, e eu não acho que é coincidência’” (O POVO, 2015).

O pouco aparecimento dessa categoria pode ser questionado por tratar-se de um tema que gera grande debate, principalmente em se tratando de notícias publicadas no Facebook, uma plataforma aberta a discussões entre os usuários. Massuchin e Carvalho (2016) referem-se aos leitores como “agentes importantes” nessa rede social, por participarem do processo de recirculação de notícias, o que pode ocasionar na escolha dos jornais em não envolverem a emoção nas notícias relativas ao movimento para se resguardarem. Outro motivo refere-se ao modo de se fazer jornalismo no Brasil, apenas relatando fatos, inspirado pelo jornalismo norte-americano. Traquina (2005) explica que houve mudanças significativas no modo de se fazer jornalismo no século XIX e as notícias passaram a ser vistas como um produto. A partir da adoção da pirâmide invertida, houve uma padronização no formato das notícias e um “culto aos fatos” (p. 54). A única notícia que descreve a emoção dos personagens do jornal O Globo, por exemplo, abordava a reação dos homens à ação realizada na internet com a hashtag “#primeiroassedio”, promovida pela ONG Think Olga para incentivar as mulheres a relatarem a primeira vez que sofreram assédio na infância. O trecho abaixo, da matéria “Tocados pelo #primeiroassedio, homens fazem mea-culpa”³², exemplifica:

Sintonizado aos depoimentos femininos, um sentimento de mea-culpa masculino desafinou o fiu-fiu e ecoou pelas redes (...). Na noite de segunda-feira passada, no estúdio do GNT, o cantor Leo Jaime se sentiu embaraçado ao ser apresentado ao cartaz com #meaculpa (O GLOBO, 2016).

³² Publicada em 8 de novembro de 2016. Disponível em> https://oglobo.globo.com/sociedade/tocados-pelo-primeiroassedio-homens-fazem-meaculpa-17975262?utm_source=Facebook&utm_medium=Social&utm_campaign=OGlobo.

Como muitas matérias tratavam de perfis e entrevistas, o índice de *Personalização* (V09) foi alto, estando presente em 24 notícias, ou 54,1% do total. A categoria esteve presente quando a matéria se utiliza de um personagem para contar a história. Um exemplo é a matéria “Feministas discutem se Kim Kardashian representa um novo tipo de mulher objeto”³³, na qual está relatado o seguinte:

Feministas discutem se ela, ao lado das cantoras Beyoncé e Rihanna, representa um novo tipo de feminismo, em que a mulher-objeto passa a usar corpo, beleza e juventude para atingir as próprias metas, não para dar prazer aos homens. Kim Kardashian não é a primeira famosa a usar o sexo como plataforma — a história de Hollywood está repleta delas —, mas o seu modo de usar é diferente, tal e qual uma ferramenta de marketing (O GLOBO, 2014).

A *Ornamentação estilística* (V10) apareceu em 10,4% das matérias. Essa categoria acontece quando o estilo literário é utilizado, como aconteceu na matéria “Eu quero quebrar tudo”³⁴, que apresentou uma entrevista com a professora da Universidade Federal do Ceará e blogueira Lola Aronovich. Diz a matéria: “Lola briga por um outro mundo e, mesmo se dizendo desacreditada do poder da Internet de unir as pessoas, a professora deixa que os olhos muito azuis encham-se de sorriso ao desejar um modelo de sociedade que ainda não tem nome”.

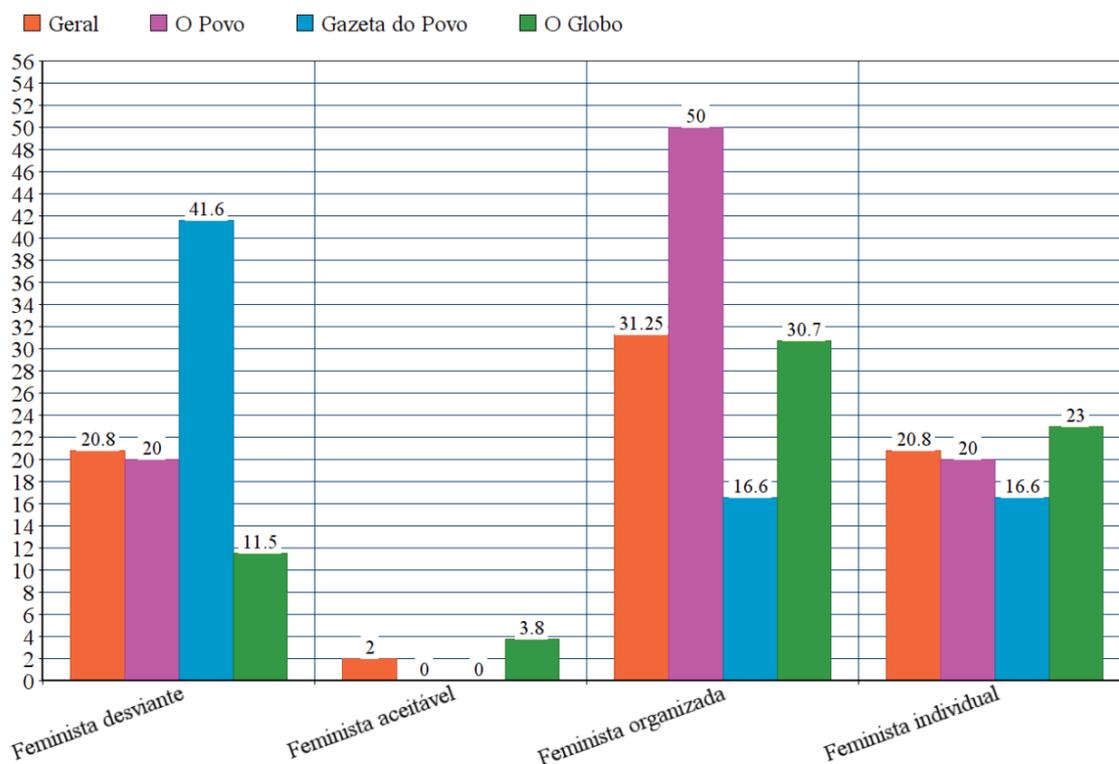
Por meio do Gráfico 2 mostrado logo acima, pode-se perceber que o veículo que possui um maior grau de narratividade é O Povo, com elevados níveis de dramatização, emoção, personalização e ornamentação estilística. Em se tratando dos números gerais, podemos indicar que o índice narrativo das notícias sobre o feminismo é moderado, com apenas dois elementos – dos 4 analisados para medir esse índice – aparecendo em números consideráveis: *Dramatização* e *Personalização*. A grande presença do item *Dramatização* pode indicar que existe uma necessidade por parte dos jornais de começar a notícia de maneira cativante, não se limitando apenas ao relato do lide, para que a história contada desperte a atenção do leitor. Quanto à *Personalização*, é mais uma característica do jornalismo brasileiro – a de não se comprometer com as informações que divulga, colocando para um determinado personagem ou fonte as declarações polêmicas ou que possam gerar uma imagem negativa para o veículo.

³³ Veiculada dia 22 de novembro de 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/gente/feministas-discutem-se-kim-kardashian-representa-um-novo-tipo-de-mulher-objeto-16949656>.

³⁴ Veiculada no dia 30 de novembro de 2015. Disponível em: <https://www20.opovo.com.br/app/opovo/paginasazuis/2015/11/30/noticiasjornalpaginasazuis,3541651/e-u-queiro-quebrar-tudo.shtml>.

Passando para as personagens presentes nas matérias, os resultados são apresentados no Gráfico 3 abaixo:

GRÁFICO 3 – SUJEITOS DO FEMINISMO



FONTE: A autora (2018).

A personagem que mais apareceu foi a *Feminista organizada* (31,25% do corpus), seguida pela *Feminista desviante* e a *Feminista individual*, ambas em 20,8% das matérias. Esse resultado está de acordo com os achados de Sarmiento (2017), uma vez que as feministas organizada e individual foram aquelas que, em seu estudo, estiveram presentes em ondas mais recentes do movimento feminista. Ao longo de sua pesquisa, Sarmiento (2017, p. 19) identificou que os jornais realizavam uma polarização, em todas as fases do movimento, entre “mulheres” e “feministas”, e descreve o estranhamento com o qual essas mulheres são descritas, em comparação com as mulheres que praticam um “feminismo sadio”.

Podemos citar como exemplo de matéria que traz o perfil da *Feminista desviante* (V11) o artigo de Fabio Blanco na Gazeta do Povo, intitulado “Uma invenção

feminista”³⁵, no qual o autor coloca as feministas como extremistas ao dizer: “Mas o que o movimento feminista quer é levantar sua bandeira sexista e manipular as mulheres, criando nelas um estado de paranoia, fazendo com que não deixem de olhar para qualquer homem sem deixar de ver nele uma ameaça”.

A *Feminista aceitável* (V12) foi encontrada somente no artigo do blog de Patrícia Kogut intitulado “Camila Pitanga fala de feminismo e comenta sua relação com o ex”³⁶, veiculada n’O Globo. Como descrito por Sarmiento (2017), esse tipo de sujeito aparecia na primeira onda do movimento, quando havia um estranhamento maior com relação às mulheres que se diziam feministas. Aquela mulher que lutava por seus direitos, porém não era “raivosa” ou “feia” (SARMENTO, 2017), que se aproximava do *status quo* e não rejeitava os papéis pré-definidos pela sociedade a respeito de como uma mulher deve se portar, era tida como uma feminista aceitável. Pitanga é citada como embaixadora nacional da Boa Vontade da ONU Mulheres e descrita como uma mulher que se identifica como feminista e se dá bem com a esposa do pai, com o ex-marido e que fala sobre maternidade. De acordo com Sarmiento (2017), esse sujeito pratica um feminismo que não se afasta dos padrões pré-determinados na sociedade, que incluem o destaque à feminilidade e a maternidade.

A categoria *Feminista organizada* (V13) apareceu em 7 das matérias d’O Globo, isto é, em 30,7% das matérias desse veículo. Entre elas, uma intitulada “Documentário quer mapear o punk feminista no Brasil dos anos 1990”³⁷, que descreve a participação de feministas no movimento punk *Riot Grrrl* e a organização dessas mulheres para produzir um documentário sobre a cena punk feminista no Brasil. Diz a matéria: “A diretora Leticia Marques e a produtora Patricia Saltara, responsáveis pelo documentário “Faça você mesma”, fazem parte de uma geração pioneira de meninas a pegar em guitarras, plugar amplificadores e gritar alto pelo movimento Riot grrrl”. De acordo com Sarmiento (2017), a ideia da *Feminista organizada* apareceu na segunda onda do

³⁵ Publicada em 6 de junho de 2016. Disponível em: http://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/artigos/uma-invencao-feminista-89il7nelo71cdrskl43cc0gu0?utm_source=facebook&utm_medium=midia-social&utm_campaign=midia-social.

³⁶ Publicada dia 3 de março de 2016. Disponível em: http://kogut.oglobo.globo.com/noticias-da-tv/noticia/2016/03/camila-pitanga-fala-de-feminismo-e-comenta-sua-relacao-com-o-ex-nao-somos-uma-familia-tradicional-mas-temos-o-astral-la-em-cima.html?utm_source=Facebook&utm_medium=Social&utm_campaign=O%20Globo.

³⁷ Divulgação em 13 de julho de 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/musica/documentario-quer-mapear-punk-feminista-no-brasil-dos-anos-1990-21586973>.

feminismo, quando diferentes grupos, associações e ONGs passaram a ser ouvidos e considerados fontes “legítimas” do movimento.

Quanto à *Feminista individual* (V14), detectamos a presença dessa categoria em 5 matérias, uma das quais, chamada “Quatro exemplos de como ser mãe e feminista”³⁸, narra a vida e o feminismo particular a cada mãe descrita. Sarmento (2017) explica que esse sujeito é marcado pela presença mais pessoal de cada feminista no movimento e pelo uso da internet, utilizada para propagação do que significa o feminismo de modo particular para cada participante. Na notícia aqui citada, cada uma das mães explica o que é ser feminista e como faz para passar seu conceito do movimento aos filhos.

Para ela, problemas individuais começaram a ser a tônica, enquanto as grandes questões levantadas pelas feministas de outros tempos, mais amplas, eram ignoradas. “Quando as mulheres começaram a conquistar um poder real, tornou-se mais fácil para elas lutarem por inclusão na sociedade que já existia em vez de continuar a lutar por uma ampla reforma”, explica a autora (O GLOBO, 2017).

Ao compararmos os três veículos, é possível perceber que o jornal que mais apresentou a personagem da *Feminista desviante* foi a Gazeta do Povo, veículo notoriamente conservador. Esse perfil esteve presente em quase metade (41,6%) das matérias desse veículo. Podemos inferir, assim, que havia um estranhamento maior nesse veículo ao descrever as feministas e ao diferenciá-las das mulheres “normais”, tratando as feministas por um viés negativo.

3.3 ANÁLISE DE ENQUADRAMENTO NOTICIOSO

As categorias analisadas nesta seção dizem respeito a cinco aspectos voltados para entender de que forma a mídia enquadra o movimento: Importância, Ilegitimidade, Desvio, Evento x problema e Teoria bidimensional de justiça. A análise de enquadramento noticioso engloba as variáveis que tratam do texto da matéria e perspectivas que podem indicar de forma mais direta, por meio de informações que a mídia inclui ou exclui, como o movimento feminista é representado na mídia. De acordo com Ashley e Olson (1998), a mídia possui um papel importante na divulgação dos

³⁸ Publicada em 4 de maio de 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/quatro-exemplos-de-como-ser-mae-feminista-21291097>.

movimentos sociais e pode modificar a mensagem desses movimentos que é divulgada para a audiência.

Para verificar a Importância do movimento, analisamos: V15 – *Seção*; V16 – *Tema*; e V17 – *Membros do movimento são ouvidos?*

As *Seções* (V15) em que as matérias estavam inseridas eram as mais variadas, passando por Cultura, Sociedade, Cotidiano, Ela e Mundo, entre outras. Podemos inferir que a mídia coloca o movimento como algo distante de política, tratando-o sempre como algo superficial, há uma diminuição da seriedade das causas discutidas pelo feminismo ao não o incluir em seções como Política, por exemplo. Apenas uma das matérias estava inserida na seção Eleições 2016, a matéria “PSOL oficializa militante feminista como candidata à prefeitura de Curitiba” da Gazeta do Povo, apesar de não ser a única tratando de uma candidata.

Da mesma forma que o item anterior, o *Tema* (V16) também não apresentou consistência. Na pesquisa de Ashley e Olson (1998), as matérias cobriam os protestos contra e pró-feminismo, trazendo a Equal Rights Amendment como tema principal. Nos jornais nacionais, embora alguns temas tenham surgido como frequência na mídia, como as marchas que aconteceram por todo o Brasil, os protestos contra o ex-Deputado Eduardo Cunha, ou a chamada “Primavera feminista”, por exemplo, os veículos que compõem o corpus desta pesquisa não priorizaram esse tipo de tema, focando apenas em relatar a vida de personalidades, ou em fatos mais pontuais concernentes ao movimento, como a cobertura da escola australiana que adotou um “currículo feminista” ou a cafeteria que cobra “imposto” dos homens para compensar pela diferença salarial entre homens e mulheres.

Os *Membros do movimento tiveram voz* (V17) em 70% das matérias do O Povo, 58,3% das matérias da Gazeta do Povo e 53,8% das matérias do O Globo. Isso representa que as fontes pertencentes ao movimento são procuradas para expor seu lado. Nas matérias sobre as “não feministas”, apenas as ideias dessas mulheres foram expostas, sem que as feministas tivessem a oportunidade de refutar a opinião das não feministas sobre o que se trata o movimento. Esse fato pode passar a ideia de que a opinião delas é correta e que iniciar um debate sobre o movimento não é de interesse da mídia.

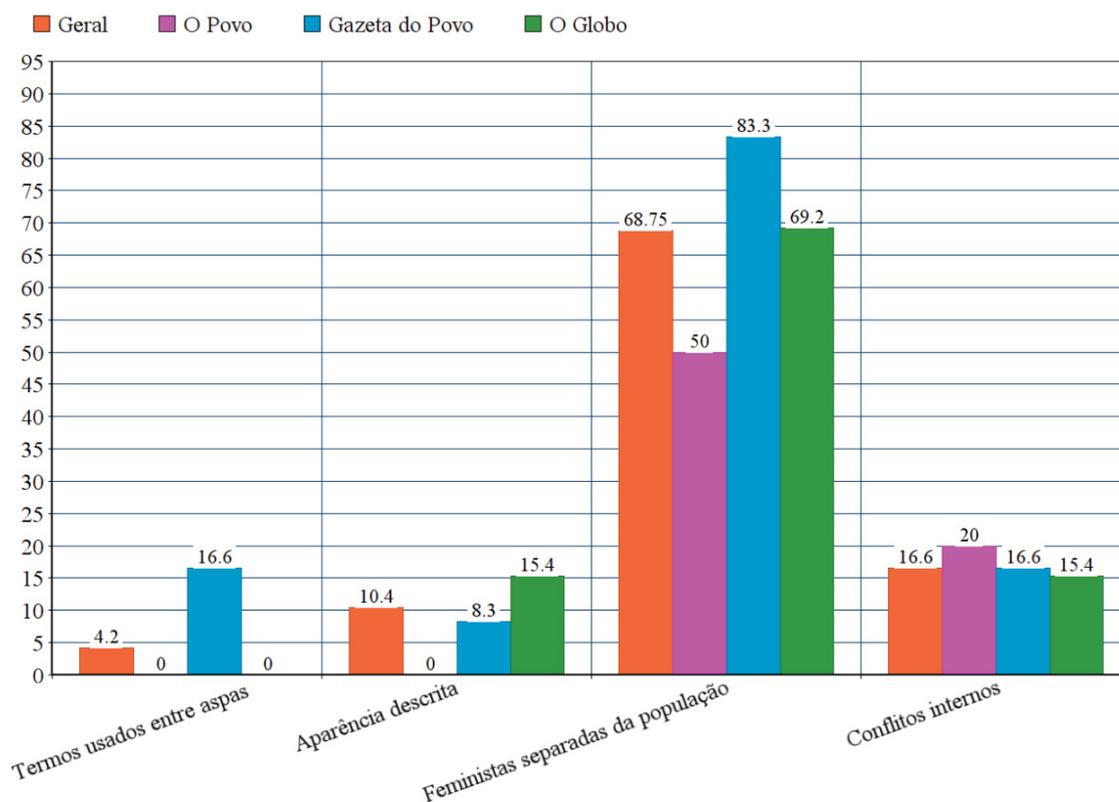
Importante destacar que 20 matérias do corpus desta pesquisa são do ano de 2017, ano em que o dicionário Merriam-Webster elegeu “feminismo” como a palavra

do ano³⁹. Segundo Ahshley e Olson (1998), a cobertura rotineira do movimento também é fator indicador de sua importância, o que não foi verificado em nossos achados. O período do corpus desta pesquisa tem início em 2010, com a criação das fanpages dos veículos no Facebook, mas as notícias mais antigas que temos são três de 2012, uma de 2013 e duas de 2014. O restante (22 matérias) divide-se pelos anos de 2015 e 2016. Assim, verificamos que o movimento foi sendo mais noticiado na rede social nos anos mais recentes, ao mesmo tempo em que os jornais não divulgaram as manifestações públicas do movimento de maneira efetiva.

No quesito Ilegitimidade, verificamos: V18 – *Termos referentes ao movimento são apresentados entre aspas?*; V19 – *A aparência das feministas é descrita?*; V20 – *As feministas são descritas como uma parcela separada da população?*; e V21 – *Conflitos internos ao movimento são enfatizados?*

O Gráfico 4 a seguir apresenta um comparativo do resultado entre os três veículos.

GRÁFICO 4 – ILEGITIMIDADE



FONTE: A autora (2018).

³⁹ https://oglobo.globo.com/sociedade/dicionario-dos-eua-elege-feminismo-como-palavra-do-ano-em-2017-22179494?utm_source=Facebook&utm_medium=Social&utm_campaign=O%20Globo

Em apenas duas matérias (4,2% do total), ambas da Gazeta do Povo (16,6% das matérias desse veículo), os *Termos do movimento foram utilizados entre aspas* (V18). As matérias eram “Uma invenção feminista”, artigo já citado nesta pesquisa, no qual o autor utiliza o termo “cultura do estupro” entre aspas, como algo que as feministas criaram para desqualificar as “pessoas comuns”, e a matéria “‘Economia feminista’: em breve em uma universidade perto de você”, que fala já na manchete em “economia feminista”, promovida por feministas de esquerda. Ashley e Olson (1998) perceberam que os termos referentes ao movimento eram colocados entre aspas para deslegitimá-lo, o que não aconteceu aqui. Podemos descrever como um ponto positivo para o movimento o fato de que a mídia o trate como um tema que deve ser levado a sério.

Cinco matérias (ou 10,4%) *Descreveram a aparência das feministas* (V19). Duas – uma da Gazeta e uma d’O Globo – abordavam o grupo Femen, com participantes que geralmente realizam protestos com os seios à mostra e uma delas, também d’O Globo, apresentou feministas discutindo a figura da socialite Kim Kardashian, se ela representa um novo tipo de mulher objeto. Assim, a maioria das matérias que tratava da aparência estava dentro do contexto do tema abordado. Na pesquisa de Sarmiento (2017), as feministas eram descritas como “feias” e participantes do imaginário social que as caracterizava de forma estereotipada. Embora ainda consideradas como parte separada da população, conforme descrito a seguir, já não são mais aquelas mulheres “mal-amadas” ou comparadas explicitamente com as mulheres “de verdade”, aquelas que mantêm uma casa, um marido e ainda encontram tempo para estarem sempre bonitas.

Quanto às feministas serem descritas como um *Grupo separado da população* (V20), houve a presença dessa variável em 33 publicações (68,75% do total). No geral, as matérias tratavam as feministas como diferentes, seja por dizer que a pessoa entrevistada na matéria não era feminista por não se considerar semelhante às feministas, seja por que, em algumas matérias, mostrou celebridades que não se consideram feministas e descreveram as diferenças entre tal celebridade e as participantes do movimento. Esse tipo de cobertura representa uma divisão entre as mulheres “comuns” e as feministas, o que ajuda a distanciar o movimento da população, ou seja, é uma cobertura negativa.

Em relação aos *Conflitos internos ao movimento* (V21), essa categoria esteve presente em oito matérias, isto é, 16,6%. Todas elas tratavam o movimento feminista

como algo novo ou traziam um novo aspecto do movimento que despertou reações diferentes na sociedade ou no próprio feminismo, como a publicação que se referia ao mea-culpa dos homens, iniciada com o uso da hashtag #primeiroassedio no twitter. Nessa matéria, a divisão do movimento pode ser encontrada na seguinte sentença: “A presença dos homens nas lutas feministas, ainda que seja cada vez maior, está longe de ser consenso — entre elas ou eles. A ONU já encampou, criando em 2014 a campanha mundial #HeforShe (ou #ElesporElas em português)”. Sarmiento (2017) explica que o fato de o movimento ter se organizado fez com que esses diferentes grupos mostrassem tanto a pluralidade do movimento, quanto as diferenças conflitantes entre cada grupo. Da mesma forma reportam Ashley e Olsen (1998), ao explicar que, a partir da entrada de mulheres com experiências de vida diversas, o movimento teve que se esforçar para acomodar todas as demandas dessas mulheres, o que levou a existência de conflitos internos.

Avaliando as quatro variáveis, percebemos que o nível de Ilegitimidade do movimento é baixo, uma vez que não houve grande percentual de trivialização do movimento, o que pode ser verificado pela baixa presença de aspas e da descrição da aparência das feministas. A ênfase nos conflitos internos ao movimento em número maior que nas categorias descritas anteriormente e o alto número de matérias que descreviam as feministas como separadas da população pode indicar que a mídia, embora considere o movimento válido, busca limitar a entrada de novos membros no movimento, pois, conforme afirmam Ashley e Olson (1998, p. 269), essa representação faz com que os leitores não desejem entrar em um grupo fraturado.

Quanto ao Desvio, analisamos: V22 – *Conflitos com a população, violência e/ou vandalismo são enfatizados?*; e V23 – *As feministas são apresentadas como inimigas/em conflito com algum outro grupo?*

Essas categorias apresentaram altos índices, com os *Conflitos com a população* (V22) aparecendo em 50% das notícias e a apresentação das *Feministas como em conflito com outro grupo* (V23), em 35,4% do total. A partir dos achados de Ashley e Olson (idem), podemos inferir que, ao colocar as feministas contra outros grupos, a mídia busca tirar o foco das causas do movimento, levantando questões superficiais que podem fazer referência ao que a mídia pensa sobre a validade do movimento.

Na categoria Evento x problema, analisamos: V24 – *As demandas do movimento são descritas?*; e V25 – *As ações do movimento são divulgadas?*

Houve a presença da *Descrição das demandas do movimento* (V24) em 79,1% das notícias e 45,8% abordaram as *Ações do movimento* (V25). As demandas do movimento apareciam nas matérias, mas, na maioria, em apenas uma sentença, sem detalhamento do que elas significam na prática, como na matéria d'O Povo "Bloco feminista desfila contra o machismo e a misoginia no Rio de Janeiro": "Fechando o carnaval dos blocos de rua não oficiais nesta Quarta-feira de Cinzas (1º), o Bloco das Mulheres Rodadas desfilou na zona sul do Rio de Janeiro contra o machismo, a misoginia, o racismo e a homofobia". Uma das matérias que descreveu as demandas de forma mais detalhada foi "Feminismo. Renovada, a luta continua"⁴⁰, d'O Povo:

Há 16 anos no Fórum Cearense das Mulheres, entidade apartidária, a educadora feminista Beth Ferreira, de 45 anos, afirma que o foco da nova geração mudou. Se antes lutavam por direitos civis básicos, hoje almejam mais participação política e têm levado adiante o direito a tomar decisões sobre o próprio corpo, como é o caso do aborto. O assédio nas ruas e a crianças também ganhou mais atenção. "Somos um movimento plural. Mas o tema central ainda é a violência contra a mulher, antes doméstica e agora ampliada às ruas", diz (O POVO, 2015).

As ações foram descritas em boa parte das notícias, como na matéria "O feminismo no mundo das artes", do jornal O Globo, que fala de várias personalidades famosas e suas iniciativas em prol do movimento, como na passagem:

Em 2013, Beyoncé fundou a campanha "Chime for change", ao lado da atriz Salma Hayek e de Frida Giannini, diretora criativa da Gucci. O projeto tem a missão de promover educação, saúde e justiça para cada menina e mulher, em todos os lugares do mundo, além de reforçar a importância do papel das mulheres na sociedade (O GLOBO, 2016).

Com relação às demandas do movimento em se tratando da teoria da justiça de Nancy Fraser (V26), ou seja, quando passamos a verificar se os jornais indicavam que o movimento busca demandas de *Redistribuição*, *Reconhecimento* ou *Paridade participativa*, encontramos que a maioria das notícias (41,6%) dizia que o movimento busca por *Paridade participativa*. Em seguida, 31,25% das notícias focaram nas demandas *Redistributivas*, enquanto 20,8% mantiveram seu foco nas demandas de *Reconhecimento*. Por fim, 6,25% das matérias não abordaram nenhum tipo de demanda.

⁴⁰ Publicada no dia 8 de novembro de 2015. Disponível em:
<https://www20.opovo.com.br/app/opovo/dom/2015/11/07/noticiasjornaldom,3530318/feminismo-renovada-a-luta-continua.shtml>.

O jornal O Globo foi o que mais focou nas demandas de *Reconhecimento*. A luta por ser reconhecida e respeitada é representada na matéria sobre a socialite Kim Kardashian: “Feministas discutem se ela, ao lado das cantoras Beyoncé e Rihanna, representa um novo tipo de feminismo, em que a mulher-objeto passa a usar corpo, beleza e juventude para atingir as próprias metas, não para dar prazer aos homens”.

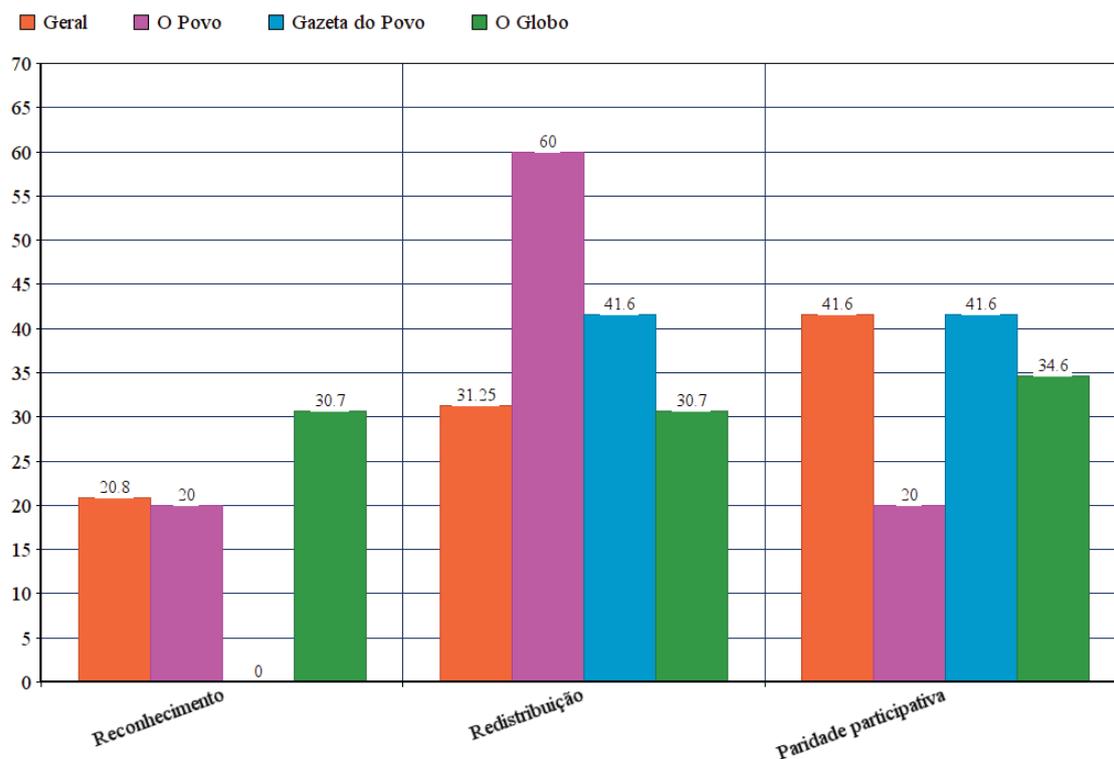
Quanto a redistribuição, o jornal O Povo sobressai, apresentando as feministas, e até mesmo as mulheres que não se identificam como feministas, em busca de espaços que são majoritariamente ocupados por homens. A seguinte passagem, encontrada na matéria “Juliana Paes critica feminismo ‘excessivo’: ‘Não quero queimar sutiãs’” exemplifica:

Para Juliana, a mulher é capaz de encarar papéis de chefia em lugares masculinos, mas que se deve “valorizar mais sua sensibilidade para lidar com tanta testosterona”. A atriz acredita que o afeto feminino pode ser um “antídoto para lidar com a frieza do mundo do business”. Juliana ainda vai mais longe e diz que as feministas se equivocam ao não respeitar essas características das mulheres (O POVO, 2017).

A paridade participativa foi mais encontrada nas matérias da Gazeta do Povo, como é exemplo a matéria “País vive nova onda do movimento feminista” que, em sua linha fina, já apresenta as duas demandas: “De campanha na internet para denunciar assédios a protestos na rua contra projeto que dificulta aborto em caso de estupro, os direitos das mulheres estão na pauta do dia”.

O Gráfico 5 a seguir exhibe a distinção entre cada veículo:

GRÁFICO 5 – TEORIA BIDIMENSIONAL DE JUSTIÇA



FONTE: A autora (2018).

De acordo com Fraser (2007), apenas uma concepção de justiça ampla o suficiente para acomodar as demandas de redistribuição e reconhecimento ao mesmo tempo poderá compreender a magnitude da injustiça sexista. Identificar que os jornais consideram a paridade participativa como a principal demanda do feminismo é um ponto positivo. No entanto, é preciso ter cautela com a forma que essas demandas são explicadas ao público. O risco é de que as feministas sofram o falso reconhecimento⁴¹, o que acontece quando a sociedade patriarcal deprecia as identidades feministas (FRASER, 2007, p. 30). Um exemplo claro desse risco é a matéria, já citada nesta dissertação, em que a atriz Juliana Paes explica os problemas do que considera um “feminismo excessivo”. Embora a matéria traga as demandas de reconhecimento, bem como demandas redistributivas, as falas da atriz destacadas na matéria trazem concepções do movimento que as feministas buscam evitar. Nesse caso, as mulheres continuam sem ser tratadas como “pares”, ou seja, o objetivo da paridade participativa não é alcançado.

⁴¹ Tradução nossa. No original: “misrecognition”.

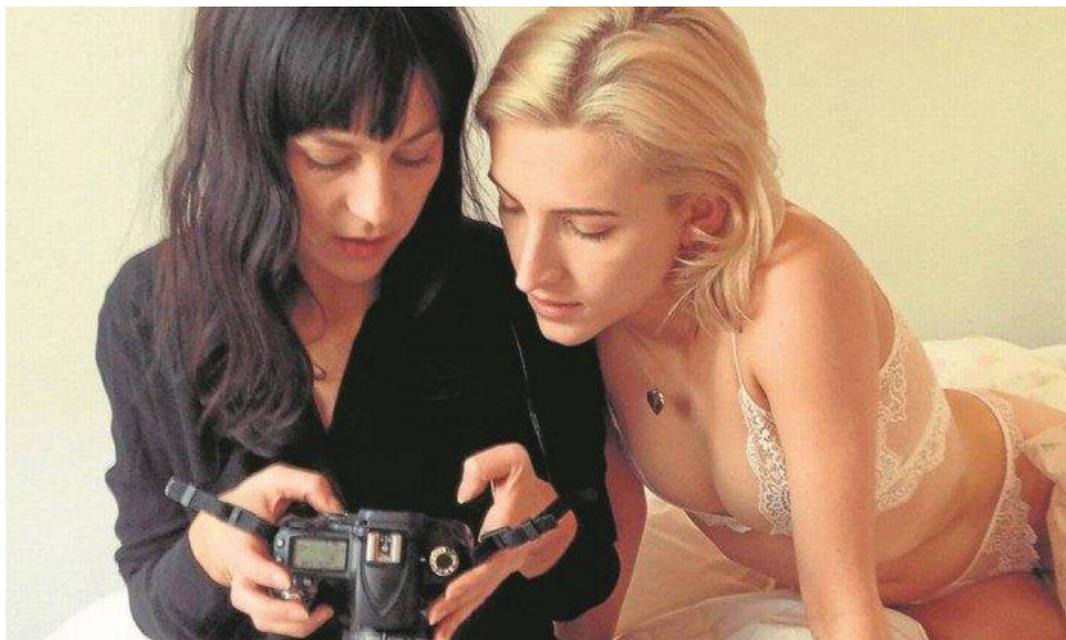
No geral, os jornais deram visibilidade ao tema do feminismo nos últimos dois anos, se compararmos com os anos iniciais do período em que o corpus desta pesquisa se insere. Ao não divulgar em postagens a cobertura factual de eventos como marchas e manifestações no país, os jornais se colocam como empresas em busca de audiência, o que, mais uma vez, está de acordo com os dados já indicados na teoria exposta neste trabalho. Matérias de “infotimento” são preferidas no lugar daquelas mais sérias, como aquelas sobre política, por exemplo (MASSUCHIN; CARVALHO, 2016). Assim, verificamos que a cobertura do movimento só acontece quando ela se enquadra nos objetivos dos veículos jornalísticos. Isto é, não foram realizadas postagens sobre o movimento quando os veículos acreditavam que esse tema não iria atrair audiência e repercussão para o post. Ainda encontramos conceitos atrelados ao movimento que não se encaixam nas concepções das feministas sobre o que se trata o feminismo, com muitos perfis de celebridades que apresentam características percebidas pelas personagens, destacadas em suas opiniões pessoais, que remontam ao movimento, no entanto, muitas vezes são estereótipos e ideias antiquadas, que não estão de acordo com as definições suportadas pelas feministas.

Em sua proposta de realizar uma análise de enquadramento multimodal, Wozniak et al (2014) justificam que cada elemento que compõe uma matéria pode contar uma história diferente e pudemos verificar que algumas matérias presentes no corpus desta dissertação apresentam elementos contradizentes. Um exemplo é a matéria “Brasileiras protestam em marcha feminista contra Trump” (Figura 3 mostrada acima). Desde a manchete, o jornal deixa claro que há uma marcha ocorrendo, da qual as brasileiras participam, e informam no texto que havia milhares de pessoas participando. No entanto, a foto principal da notícia mostra apenas 6 mulheres reunidas – também não é especificado quantas brasileiras viajaram para Washington para o protesto – e não é possível ver a quantidade de pessoas na marcha, não há uma contextualização do que está acontecendo ao redor das personagens.

Outro exemplo é a Figura 14 a seguir, da matéria “Pornografia feminista rejeita ideia do ‘corpo ideal’”. O texto aborda um movimento de pornografia feminista, que promove a ideia de que “modelos de todas as formas, tamanhos e idades são sexy”. No entanto, a foto mostra duas mulheres sentadas, olhando para uma máquina fotográfica que está na mão de uma delas. Ambas as mulheres são magras, uma delas tem o cabelo ondulado e a outra é loira do cabelo liso e veste lingerie. A fotografia parece duvidar do

que a idealizadora do projeto – a fotógrafa MacKenzie Peck – afirma. Como as mulheres olham para baixo, para a câmera fotográfica, e não para o observador, isso nos remete à ideia de que a pornografia é algo vergonhoso, as mulheres não estão olhando para a frente, para aquele que as observa.

FIGURA 14 – EXEMPLO DE PERSONAGENS PRESENTES NAS FOTOGRAFIAS



FONTE: O GLOBO (2017).

A partir de nossos resultados, embora o movimento possa ser considerado como bem representado na mídia, por ser tratado de forma séria, sem a utilização de aspas ou a descrição da aparência das manifestantes, entre outros fatores, é preciso destacar alguns aspectos que apontam para a fragilidade da cobertura midiática. Um deles é a presença de poucas mulheres negras nas fotografias. Via de regra, as mulheres apresentadas nas imagens eram brancas, de cabelos lisos, consideradas dentro dos padrões impostos pela sociedade. Outro fator é a falta de contrapontos para as opiniões apresentadas em cada matéria. Não houve discussão sobre o tema, opiniões antagônicas ou fontes variadas que poderiam apontar posições diferentes sobre um mesmo tema, especialmente nas notícias contra o movimento, que relatavam apenas as opiniões das celebridades – apesar de elas não se identificarem como feministas – sobre o significado do movimento. Para Sarmento (2017), a presença de matérias contra o movimento é

frequente, mesmo com a visibilidade positiva do feminismo em anos recentes, pois, a cada renovação do feminismo, há sempre discursos de retrocesso em pauta.

Hoje, há mulheres que pessoas que acreditam que os direitos das mulheres seriam conseguidos mesmo que ninguém lutasse por eles, viria naturalmente com o tempo. Há mulheres que negam o feminismo, que são contra a existência do movimento por acreditar tratar-se de uma antítese do machismo (embora sua definição seja amplamente divulgada). Da mesma forma, como fiel reprodução da sociedade e dos interesses, pois tratam-se de veículos que precisam dos acessos para se manterem, os jornais não dão ênfase ao movimento para que sua audiência não caia. Além disso, é “agressivo” retratar mulheres fora do padrão. Tratar o feminismo como tema de Política é dar um peso a ele que pode não ser bem aceito pela sociedade.

As feministas são retratadas sempre como desviantes para que seu papel seja sempre o de alguém que não se encaixa nos moldes pré-estabelecidos, alguém que não se conforma, o que pode ser algo positivo, mas, também, como alguém “fora da lei”, que não cumpre normas e que não se encaixa na normalidade. Analisando todos os resultados, parece que a mídia, ao mesmo tempo que relata os fatos de maneira séria, também parece dizer que na verdade não devemos levar o movimento tão a sério.

O feminismo ainda é visto como algo novo, apesar de existir desde o século passado, e ainda é visto como uma luta que já teve significado, mas que hoje, até por estar muito presente na internet, não tem tanto valor. A internet conseguiu divulgar o movimento e unir mulheres de lugares diferentes mas que lutam pelo mesmo objetivo. Foi possível dividir o movimento de maneira mais organizada, em lutas mais específicas para cada grupo, como o de mulheres lésbicas ou mulheres negras, por exemplo, que lutam por questões pertinentes aos seus grupos. Houve uma divulgação maior dessas causas. O ponto negativo é que a internet e as redes sociais digitais ainda não são plataformas compreendidas completamente. A depender da plataforma, um conteúdo divulgado será veiculado ou mostrado para certas pessoas, criando ou não relevância para o tema.

Nesse sentido, os veículos de comunicação e seu comportamento online reflete muito dos modelos de cada plataforma. O facebook é uma rede social que dá maior destaque a vídeos, que divulga determinado conteúdo a depender do número de curtidas e compartilhamentos e, muitas vezes, o jornal apenas se adequa aos resultados

alcançados por cada post publicado. Não sem uma agenda por trás, mas muito pelo que sua audiência será mais atraída.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria bidimensional de justiça de Nancy Fraser foi utilizada nesta dissertação como base para a análise de enquadramento multimodal das notícias sobre o movimento feminista encontradas nos jornais O Povo, Gazeta do Povo e O Globo. Fraser pressupõe que, para se obter justiça social, é necessário que os sujeitos tenham tanto reconhecimento quanto redistribuição. As demandas de redistribuição dizem respeito à disponibilidade de recursos, por exemplo, e demandas de reconhecimento, ao respeito às diferenças pertinentes a cada grupo participante da sociedade. O atendimento dessas demandas representa a justiça social. Assim, tendo em vista o modelo bidimensional de justiça social de Nancy Fraser, como o movimento feminista é enquadrado pelo jornalismo? Para responder a essa pergunta, foi realizada a análise de enquadramento multimodal da cobertura midiática sobre o movimento feminista.

O objetivo da dissertação foi verificar de que maneira a mídia enquadra o movimento feminista. Os objetivos específicos eram: verificar se o movimento feminista foi enquadrado como um movimento que busca reconhecimento ou que busca redistribuição; e analisar a narrativa, a notícia e as imagens dos posts sobre feminismo nas páginas dos jornais no Facebook.

Realizamos a análise de enquadramento multimodal de forma a cumprir com os objetivos delimitados na pesquisa. Essa análise inclui a análise visual – que contempla a análise dos seguintes elementos das fotografias encontradas: tipo de imagem; ângulo da câmera; atividade realizada pela pessoa na imagem; plano da imagem; e descrição detalhada da imagem.

Cada um desses itens compõe o quadro sobre a forma que a mídia representa o movimento feminista. Quanto à análise da imagem, percebemos que os veículos de comunicação focaram em perfis de celebridades, assim, as fotografias presentes mostravam essas personagens, geralmente em algum tapete vermelho ou em foto de editorial. As mulheres estavam maquiadas, muito bem arrumadas e eram, em sua maioria, brancas, ricas e famosas, e dentro do padrão de ‘corpo ideal’ aceito pela sociedade. O ângulo da câmera era, em sua maioria, normal, o que pode indicar uma proximidade entre o personagem e o observador da imagem. Assim também indica o plano da imagem, que, na maioria das fotos, era o plano médio. Esse plano é utilizado de forma a omitir o contexto da situação apresentada.

Também faz parte da metodologia utilizada nesta dissertação a análise da narrativa, com as seguintes categorias: observamos a ausência ou presença de dramatização; personalização; ornamentação estilística; emoção; e se havia sujeitos do feminismo presentes na matéria, a saber: feminista desviante; feminista aceitável; feminista individual; e feminista organizada.

O nível de narratividade nas matérias analisadas foi médio, uma vez que, das quatro categorias, apenas duas foram encontradas em números consideráveis: dramatização e personalização. Encontramos a dramatização quando a matéria teve início com os fatos narrados como em uma história, sem respeitar as definições da pirâmide invertida. A personalização foi encontrada quando as notícias focavam em uma personagem para contar a história. A presença dessa categoria pode ser justificada pelo fato de que muitas notícias do corpus se tratavam de perfis. Dos quatro sujeitos do movimento feminista definidos por Sarmiento (2017), aqueles que mais apareceram foram a feminista organizada e a feminista individual, que se tratam, respectivamente, da feminista que é ligada a ONGs e órgãos governamentais e aquela que pertence à mais recente fase do movimento, que se utiliza da internet, cujas militantes apresentam definições pessoais para o que consideram o feminismo. A feminista desviante também esteve presente, e se trata daquela feminista que é diferente das demais feministas e mulheres, é vista como a militante fora do que é considerado padrão, é raivosa e radical. O sujeito da feminista aceitável apareceu apenas uma vez, com a descrição da mulher e seus atributos de mãe e esposa.

Por fim, a última parte da análise de enquadramento multimodal foca no enquadramento noticioso, com a delimitação do tema da matéria; seção em que a matéria está incluída; se membros do movimento são ouvidos; se termos referentes ao movimento são utilizados entre aspas; se a aparência das feministas é descrita; se as feministas são descritas como uma parcela separada da população; se conflitos com a população são enfatizados; se as feministas são apresentadas como inimigas ou em conflito com algum outro grupo; se há a descrição das demandas do movimento; e se as ações do movimento são descritas. Também observamos a ausência ou a presença das demandas redistributivas, de reconhecimento ou paridade participativa nas matérias do corpus.

Quanto ao enquadramento noticioso, percebemos que os temas das notícias focaram em tratar da vida pessoal de celebridades ou matérias sempre mais amenas. As

seções em que o feminismo se encaixava foi das mais variadas, desde Sociedade, passando por Cultura, Brasil, até Ela, no entanto, nenhuma vez esteve na seção Política. Os membros do movimento foram ouvidos na maioria das matérias e apenas duas vezes os termos referentes ao movimento foram utilizados entre aspas. Quando a aparência das feministas foi descrita, podemos dizer que essa descrição fazia parte do contexto da matéria, não estava necessariamente desconsiderando as pautas feministas para tratar do corpo das ativistas. Muitas matérias separaram as mulheres feministas do restante da população, bem como descreviam essas mulheres como inimigas ou em conflito com outro grupo. Como pontos positivos, percebemos que os conflitos internos apareceram em números pouco relevantes, e as demandas e ações do movimento foram explicitadas em boa parte do corpus.

Na categoria referente às demandas da teoria bidimensional de justiça de Nancy Fraser, a paridade participativa esteve presente na maioria das notícias. Esse é um resultado importante, uma vez que a autora considera que o caminho para se ter justiça social é dar voz às minorias para que elas sejam tratadas “pares” na sociedade, e ver a mídia divulgar ambas as demandas da teoria pode ser um caminho para que as pessoas entendam melhor do que se trata o movimento feminista e que tipo de mudanças ele busca. Ainda assim, é preocupante que nas notícias com mulheres que não se consideravam feministas, os veículos de comunicação não tenham ouvido como fontes também militantes feministas que pudessem explicar com precisão as lutas do movimento. Isso passa uma ideia errônea do movimento, afastando ainda mais o público do feminismo.

Das 12 categorias presentes nessa análise, metade apresentou resultados positivos para a forma como a mídia representa o movimento. Com esses resultados, podemos concluir que a mídia tem levado o feminismo mais a sério, inclusive por ter, nos últimos anos, publicado mais notícias referentes ao tema. Porém, quanto ao conteúdo dessas notícias, percebemos uma influência grande da dinâmica da produção jornalística nas redes sociais, que faz com que temas mais leves sejam preferidos em detrimento das chamadas “hard news”, que focam em temas políticos, mais sérios e que podem atrair menos audiência.

Uma das dificuldades encontradas foi a pouca quantidade de matérias para compor o corpus. As páginas dos jornais na rede social aqui estudada foram criadas a partir de 2010, no entanto, apenas 48 matérias apresentavam os critérios necessários

para serem inseridas no corpus desta dissertação. Havia posts que apresentavam links das matérias quebrados, não sendo possível acessá-las, bem como matérias que não apresentavam fotografias.

A partir do estudo sobre as mudanças no processo jornalístico desde a entrada dos jornais nas redes sociais, pudemos entender melhor a dinâmica de publicações no Facebook e os critérios para que um tema pudesse ser considerado relevante. É certo que nos últimos dois anos o movimento foi divulgado de forma mais recorrente, no entanto, os veículos focaram em versões “soft”, ao combinar informação com entretenimento – abordando temas que podem ser sérios, mas com um viés leve.

Os três jornais não apresentaram diferenças relevantes em suas coberturas. Todos os veículos apenas relataram os fatos, com níveis moderados de narratividade e fotografias com estilos muito semelhantes – em ângulo normal e plano médio.

Algumas postagens incluíam um texto de apresentação, no qual o veículo podia explicar a matéria ou fazer algum questionamento com relação a opinião dos leitores sobre o conteúdo ali divulgado. Próximas pesquisas poderão realizar um comparativo entre as fotografias apresentadas nas postagens e aquelas presentes nas notícias.

A análise dos comentários também pode apresentar resultados interessantes sobre o que vem sendo discutido pela população sobre o feminismo para avaliar de que forma se dão os discursos de retrocesso e se há uma grande polarização entre comentadores de veículos conservadores, como a Gazeta, e de outros mais progressistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASHLEY, L.; OLSON, B. Constructing reality: print media's framing of the women's movement, 1966 to 1986. In: *J&MC Quarterly*, vol. 75, n. 2, p. 263-277, 1998.

BANDEIRA, L.; MELO, H. P. Tempos e memórias: movimento feminista no Brasil. Secretaria de Políticas para as Mulheres, Brasília: 2010.

BARROS, S. A. R.; CARREIRO, R. O Facebook como plataforma para o comentário de notícias: uma análise da deliberatividade em cinco temas. In: MENDONÇA, R. F.; SAMPAIO, R. C.; BARROS, S. A. R. (Orgs.). *Deliberação on-line no Brasil: entre iniciativas de democracia digital e redes sociais de conversação*. Edufba: Salvador, 2016.

ENTMAN, R. Framing: toward clarification of a fractured paradigm. In: M. Levy e M. Gurevitch, (eds.). *Defining Media Studies*, New York: Oxford University Press, p. 293-300, 1993.

FONTES, M. L. A. O enquadramento do aborto na mídia impressa brasileira nas eleições 2010: a exclusão da saúde pública do debate. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(7):1805-1812, 2012.

FRASER, N. A justiça social na globalização: redistribuição, reconhecimento e participação. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais* [online], n. 63, Out./2002, p. 7-20.

FRASER, N. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era "pós-socialista". *Cadernos de campo*, São Paulo, n. 14/15, p. 1-382, 2006.

FRASER, N. Reconhecimento sem ética?. *Lua Nova*, São Paulo, p. 101-138, 2007.

FRASER, N.; HONNETH, A. *Redistribution or recognition? A political-philosophical exchange*. Verso, 2003.

GAMSON, W.; MODIGLIANI, A. The changing culture of affirmative action. *Research in Political Sociology*, Vol. 3, pp. 137-177.

GITLIN, T. *The whole world is watching*. Berkeley: University of California Press, 1980.

GOFFMAN, E. *Frame analysis: an essay on the organization of experience*. Boston, Northeastern University Press, 1986.

GOMES, C.; SORJ, B. Corpo, geração e identidade: a Marcha das vadias no Brasil. *Revista Sociedade e Estado*, vol. 29, n. 2, 2014.

HONNETH, A. *Luta por reconhecimento. A gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora 34, 2003.

KAHNEMAN, D.; TVERSKY, A. Choices, values, and frames. *American Psychologist*, Vol. 39, n. 4, p. 341-350, 1984.

MASSUCHIN, M.; CARVALHO, F. Conteúdo jornalístico nas redes sociais: as estratégias dos jornais brasileiros no facebook. *Textual & Visual Media*, 9, 2016.

MASSUCHIN, M. Jornalismo nas redes sociais: Facebook como espaço de distribuição e visibilidade das notícias sobre a campanha eleitoral dos jornais do Nordeste. *Compólitica*: Porto Alegre, 2017.

MARQUES, A. C. S.; MAIA, R. C. M. Everyday Conversation in the Deliberative Process: An Analysis of Communicative Exchanges in Discussion Groups and Their Contributions to Civic and Political Socialization. *Journal of Communication*, 2010.

MENDONÇA, R. F.; SIMÕES, P. G. Enquadramento: diferentes operacionalizações de um conceito. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 27, n° 79, junho/2012.

MOTTA, L. G.; ALENCAR, R. P. Qualidade da informação: a agenda social da mídia em ano eleitoral presidencial. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo, v.34, n.1, p. 17-40, jan./jun. 2011.

PEDRO, J. Feminismo e gênero na universidade: trajetórias e tensões da militância. *História Unisinos*, vol. 9, n. 3, 2005.

PINTO, C. R. J. Uma história do feminismo no Brasil. Editora Perseu Abramo, São Paulo: 2003.

PINTO, V. C. Exploring the interplay between Framing and Securitization theory: the case of the Arab Spring protests in Bahrain. In: *Rev. Bras. Polít. Int.* 57 (1): 162-176, 2014.

PORTO, M. Enquadramentos da mídia e política. In: RUBIM, A. A. C. (Org.). *Comunicação e política – conceitos e abordagens*. Salvador/São Paulo: Edufba/Editora Unesp, 2004.

RIZZOTTO, C.; PRUDENCIO, K.; SILVA, M. Muita cena e pouca comunicação política? A Marcha das Vadias nos portais de notícias e a questão do reconhecimento. *Compós*, Brasília, 2015.

RODRIGUEZ, L.; DIMITROVA, D. The levels of visual framing. In: *Journal of Visual Literacy*, vol. 30, n. 1, p. 48-65, 2011.

ROTHBERG, D.; BERBEL, D. B. Enquadramentos de transgênicos nos jornais paulistas: informação como potencial subsídio à participação política. In: *História, Ciências, Saúde, Manguinhos/RJ*, v.17, n.2, p. 455-470, abr.-jun. 2010.

ROTHBERG, D. Enquadramentos midiáticos e sua influência sobre a consolidação de direitos de crianças e adolescentes. In: *Opinião Pública*, Campinas, vol. 20, n° 3, p. 407-424, dez. 2014.

SAFATLE, V. Por um conceito "antipredicativo" de reconhecimento. Lua Nova: São Paulo, 2015.

SARMENTO, R. O feminismo no jornalismo. 41º encontro anual da ANPOCS, Caxambu, 2017.

TELES, Maria Amélia. Breve história do feminismo no Brasil. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.

WOITOWICZ, K.; PEDRO, J. O Movimento Feminista durante a ditadura militar no Brasil e no Chile: conjugando as lutas pela democracia política com o direito ao corpo. Espaço Plural, vol. X, n. 21, 2009.

WOZNIAK, A.; LÜCK, J.; WESSLER, H. Frames, Stories, and Images: The Advantages of a Multimodal Approach in Comparative Media Content Research on Climate Change. In: Environmental Communication [online], 2014.

ANEXO 1

A Tabela 5 lista os veículos, os títulos, datas e links das matérias selecionadas para compor o corpus desta pesquisa.

TABELA 5 – LISTAGEM DAS MATÉRIAS DO CORPUS DE PESQUISA

(continua)

VEÍCULO	TÍTULO	DATA	LINK
O Povo	Publicitárias criam ‘Cerveja feminista’	26/02/2015	https://www.facebook.com/OPOVOOnline/photos/a.169443479759652.28868.138267762877224/830367503667243/?type=3&theater
O Povo	Feminismo. Renovada, a luta continua	08/11/2015	https://www.facebook.com/OPOVOOnline/posts/952887291415263
O Povo	Olhar tradicionalista. O lado de quem se diz incomodada	08/11/2015	https://www.facebook.com/OPOVOOnline/posts/952949191409073
O Povo	O feminismo é para todo mundo, tem que ser uma luta contra todas as opressões, diz Lola Aronovich	08/11/2015	https://www.facebook.com/OPOVOOnline/posts/952911921412800
O Povo	Eu quero quebrar tudo	01/12/2015	https://www.facebook.com/OPOVOOnline/posts/962532593784066
O Povo	Bloco estreia no pré-carnaval da Gentilândia com temática feminista	18/01/2016	https://www.facebook.com/OPOVOOnline/posts/986262631411062
O Povo	“Mulheres são assassinadas com aplausos do público”, diz Karina Burh	26/04/2016	https://www.facebook.com/OPOVOOnline/posts/1051196398251018
O Povo	Militante feminista na vida pessoal, Emma Watson volta às telonas como Bela, de ‘A Bela e a Fera’	13/02/2017	https://www.facebook.com/OPOVOOnline/posts/1313113255392663
O Povo	Bloco feminista desfila contra o machismo e a misoginia no Rio de Janeiro	01/03/2017	https://www.facebook.com/OPOVOOnline/posts/1330431616994160
O Povo	Juliana Paes critica feminismo “excessivo” e diz que não quer queimar sutiãs	03/04/2017	https://www.facebook.com/OPOVOOnline/posts/1362754807095174
Gazeta do Povo	Novo jeito de pensar as relações entre os sexos	14/04/2012	https://www.facebook.com/gazetadopovo/posts/222018777899159
Gazeta do Povo	Grupo feminista protesta em frente à casa de vidro do BBB contra “alienação das pessoas”	09/01/2013	https://www.facebook.com/gazetadopovo/photos/a.10150149894024572.344697.149698499571/10151683862849572/?type=3&theater
Gazeta do Povo	Brasil vive nova onda feminista; conheça a história do movimento	28/11/2015	https://www.facebook.com/gazetadopovo/posts/10154741547884572
Gazeta do Povo	A reinvenção da ex-militante feminista Sara Winter	30/12/2015	https://www.facebook.com/gazetadopovo/posts/10154825490379572

TABELA 5 – LISTAGEM DAS MATÉRIAS DO CORPUS DE PESQUISA

(continuação)

VEÍCULO	TÍTULO	DATA	LINK
Gazeta do Povo	Cultura do estupro, uma invenção feminista	07/06/2016	https://www.facebook.com/gazetadopovo/posts/10155335444659572
Gazeta do Povo	PSOL oficializa militante feminista como candidata à prefeitura de Curitiba	23/07/2016	https://www.facebook.com/gazetadopovo/posts/10155491928609572
Gazeta do Povo	Cada vez mais pop, feminismo se torna questionado pelas próprias feministas	08/04/2017	https://www.facebook.com/gazetadopovo/posts/10156535423979572
Gazeta do Povo	Palestrante tenta “desmascarar feminismo” mas acaba escoltada para fora de universidade federal	08/06/2017	https://www.facebook.com/gazetadopovo/posts/10156796904104572
Gazeta do Povo	Cafeteria feminista cobra “imposto” de homens	08/08/2017	https://www.facebook.com/gazetadopovo/posts/10157127190974572
Gazeta do Povo	Quatro razões porque ainda há tanta rejeição aos movimentos feminista, negro e LGBT	16/08/2017	https://www.facebook.com/gazetadopovo/posts/10157127190974572
Gazeta do Povo	O primeiro escritório de “advocacia feminista” do Brasil	27/08/2017	https://www.facebook.com/gazetadopovo/posts/10157170904839572
Gazeta do Povo	“Economia feminista”: em breve em uma universidade perto de você	05/11/2017	https://www.facebook.com/gazetadopovo/posts/10157467985594572
O Globo	Grupo feminista Femen abre centro de treinamento em Paris	23/09/2012	https://www.facebook.com/jornaloglobo/photos/a.123958997643788.9532.115230991849922/461917180514633/?type=3&theater
O Globo	Leymah Gbowee, que venceu uma guerra com greve de sexo, quer conhecer Dilma Rousseff	27/10/2012	https://www.facebook.com/jornaloglobo/photos/a.123958997643788.9532.115230991849922/475949622444722/?type=3
O Globo	Emma Watson convoca homens a lutar pela igualdade entre os sexos	22/09/2014	https://www.facebook.com/jornaloglobo/posts/845150838857930
O Globo	Seria Kim Kardashian um novo tipo de mulher-objeto?	22/11/2014	https://www.facebook.com/jornaloglobo/posts/894740593898954
O Globo	Com adesão de celebridades, feminismo entra no vocabulário pop	10/01/2015	https://www.facebook.com/jornaloglobo/posts/934873046552375
O Globo	O feminismo no mundo das artes	08/03/2015	https://www.facebook.com/jornaloglobo/posts/980479668658379
O Globo	Alunas de colégio tradicional do Rio conquistam o direito de usar legging	13/06/2015	https://www.facebook.com/jornaloglobo/posts/1052762971430048
O Globo	Escola australiana incorpora feminismo à grade curricular	06/11/2015	https://www.facebook.com/jornaloglobo/posts/1151028448270166
O Globo	Homens discutem seu papel no movimento feminista	08/11/2015	https://www.facebook.com/jornaloglobo/posts/1151910621515282
O Globo	Clarice Falcão lança clipe feminista com cover de Destiny’s Child	13/11/2015	https://www.facebook.com/jornaloglobo/posts/1154854497887561

TABELA 5 – LISTAGEM DAS MATÉRIAS DO CORPUS DE PESQUISA

(conclusão)

VEÍCULO	TÍTULO	DATA	LINK
O Globo	Camila Pitanga fala sobre feminismo: ‘É tempo de despertar nossos sonhos e desejos’	03/03/2016	https://www.facebook.com/jornaloglobo/posts/1222170081156002
O Globo	‘Formation’ não é contra a polícia, é contra a injustiça, diz Beyoncé	06/04/2016	https://www.facebook.com/jornaloglobo/posts/1252546598118350
O Globo	#MeuAmigoSecreto vira livro	19/05/2016	https://www.facebook.com/jornaloglobo/posts/1282665385106471
O Globo	Marion Cotillard diz que ‘não se considera feminista’	29/09/2016	https://www.facebook.com/jornaloglobo/photos/a.123958997643788.9532.115230991849922/1129565023749842/?type=3&theater
O Globo	Da Maré, Marielle Franco chega à Câmara do Rio como quinta mais votada	04/10/2016	https://www.facebook.com/jornaloglobo/posts/1397842363588772
O Globo	Brasileiras protestam em marcha feminista contra Trump nos EUA	21/01/2017	https://www.facebook.com/jornaloglobo/posts/1519820371390970
O Globo	Criticada por feministas após ensaio sensual, Emma Watson rebate: ‘É muito confuso’	05/03/2017	https://www.facebook.com/jornaloglobo/posts/1565331430173197
O Globo	‘A palavra feminismo sempre vai estar na moda’, diz Glória Maria em evento	31/03/2017	https://www.facebook.com/jornaloglobo/posts/1595195697186770
O Globo	Quatro exemplos de como ser mãe e feminista	04/05/2017	https://www.facebook.com/jornaloglobo/posts/1642433642462975
O Globo	Pornografia feminista rejeita ideia do ‘corpo ideal’	08/05/2017	https://www.facebook.com/jornaloglobo/posts/1645349118838094
O Globo	Gal Gadot, a Mulher Maravilha no cinema, serviu o Exército por dois anos	28/05/2017	https://www.facebook.com/jornaloglobo/posts/1668260996546906
O Globo	Documentário quer mapear o punk feminista no Brasil dos anos 1990	14/07/2017	https://www.facebook.com/jornaloglobo/posts/1725415574164781
O Globo	Há dez anos sem sexo, Sarah Sheeva dispara contra feminismo atual: ‘Direitos iguais não é legal’	05/10/2017	https://www.facebook.com/jornaloglobo/posts/1820224364683901
O Globo	Especialistas em contos de fadas discutem o legado de Branca de Neve	09/12/2017	https://www.facebook.com/jornaloglobo/posts/1902413889798281
O Globo	Dicionário dos EUA elege ‘feminismo’ como a palavra do ano em 2017	12/12/2017	https://www.facebook.com/jornaloglobo/posts/1906467536059583
O Globo	Enquanto aguarda chegada das gêmeas, Ivete Sangalo reflete sobre feminismo e política	31/12/2017	https://www.facebook.com/jornaloglobo/posts/1928034340569569

FONTE: A autora (2018).